

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Original

**A caprino-ovinocultura no Território do Araripe-PE: Um estudo
de caso a cerca dos limites e possibilidades na perspectiva
do Desenvolvimento Rural Sustentável**

Campina Grande, PB – BRASIL

Novembro/2007

LÚCIA MARIA CANUTO BANDEIRA *

**A caprino-ovinocultura no Território do Araripe-PE: Um estudo
de caso a cerca dos limites e possibilidades na perspectiva
do Desenvolvimento Rural Sustentável**

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do Grau de Especialista em
Desenvolvimento Rural Sustentável, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de Campina
Grande.

Orientador: Prof. *M.Sc.* Paulo César Arns

Co-orientador/tutor: *M.Sc.* Arilde Franco Alves

Campina Grande, (novembro/2007)

- Licenciatura Plena em Ciências biológicas



B214c Bandeira, Lúcia Maria Canuto.

A caprino-ovinocultura no Território do Araripe - PE: um estudo de caso acerca dos limites e possibilidades na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. / Lúcia Maria Canuto Bandeira - 2007.

94 f.

Orientador: Professor Me. Paulo César Arns;
Coorientador: Arilde Franco Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável (CEDRUS).

1. Desenvolvimento rural sustentável. 2. Território do Araripe - PE. 3. Sociologia rural. 4. Agricultura familiar. 5. Desenvolvimento territorial. 6. Desenvolvimento local. 7. Caprino-ovinocultura. I. Título. II. Arns, Paulo César. III. Alves, Arilde Franco.

CDU: 316.334.55(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626



Biblioteca Setorial do CDSA. Novembro de 2022.

Sumé - PB

TERMO DE APROVAÇÃO

A caprino-ovinocultura no Território do Araripe-PE: Um estudo de caso a cerca dos limites e possibilidades na perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável

Monografia aprovada em/...../....., como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, pela seguinte banca examinadora

Prof. *M.Sc.* Paulo César Arns
Orientador

BANCA EXAMINADORA:

Prof. *M.Sc.* Paulo César Arns
Presidente (SDT/MDA)

Prof. Dr^a. Ramonildes Gomes
Membro (CH / UFCG)

BOMES

Prof. *M.Sc.* Rosivaldo de Sá Sobrinho
Membro (CCA / UFPB)

Campina Grande, 16 de novembro 2007.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho
Ao meu cunhado Manoel Alves de Almeida (in memória)
Pelo apoio que sempre me deu, e pelo amor que durante toda sua vida dedicou a toda nossa
família.*

AGRADECIMENTOS

A (ao)s

Meus filhos Felipe e Guilherme, pelos momentos de ausência e espera, que neste período de quase dois anos, quando deixei muitas vezes de atendê-los em solicitações inadiáveis;

Meu companheiro Paulo Guedes, que nas horas mais difíceis da realização deste trabalho, soube entender a necessidade do compromisso que havia assumido perante todos que acreditaram na minha capacidade de fazer algo de positivo na vida, principalmente ao colegiado do fórum territorial que me referendou para este curso;

Minha família, especialmente aos meus pais, minhas irmãs que mesmo distantes, estiveram na torcida, confiantes na minha capacidade de estar sempre realizando o novo e, tudo aquilo que pode acrescentar em quanto pessoa e profissional;

Às minhas companheiras Gilma e Francilene, colegas de trabalho, o meu especial agradecimento, pela permanente presença durante toda a realização do curso, com palavras de apoio nos momentos de angústia, e ao meu amigo Hélio Nunes pelas sugestões e correções às minhas atitudes, enfim, muito obrigado;

Todos os meus colegas de curso de especialização, que durante todo este período estiveram sempre na torcida pela minha realização e pelo carinho recebido durante os dias que tivemos que passar confinados na universidade;

Burguivol, técnico aqui do Araripe, por ter sido a primeira pessoa, que me olhou como técnica e que acreditou em mim;

Aos integrantes do fórum da caprinocultura pela imensa colaboração na realização deste trabalho (CAATINGA, CHAPADA, SEBRAE, BNB, ACOCAMA, ACOCAG, ACOAR, PROJETO DOM HELDER CÂMARA E SECRETÁRIAS DE AGRICULTURA DO ARARIPE);

Todos os professores do Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável, pela amizade, sinceridade e acima de tudo a bela experiência de como é importante fazer algo de novo, de diferente, que sirva para o coletivo;

Aos agricultores (as) do Araripe, pelo muito que aprendi, e pelo espaço proporcionado na busca de relevantes informações e, pela amizade cultivada durante a realização desse trabalho;

Prof. Paulo César Arns, meu orientador, pela paciência às minhas imensas dificuldades, supridas pela confiança, dado a minha perseverança e força de vontade.

Arlde, meu tutor e co-orientador, que durante todo este período se dedicou ao meu trabalho de forma incansável, mesmo quando era necessários puxões de orelha, obrigada;

A minha secretária e amiga Decilda, pelos cuidados e dedicação que sempre teve com os meus filhos durante toda minha ausência, exercendo muitas vezes o papel de mãe, meu muito obrigado.

... Ao acabarem todos, só resta ao homem (estará
equipado?)
A difícilima dangerousíssima viagem de si a si
mesmo:
Pôr o pé no chão do seu coração
Experimentar, colonizar, civilizar... Humanizar o
homem
Descobrimo em suas próprias inexploradas
entranhas
A perene, insuspeitada alegria de conviver.

Carlos Drumond de Andrade

SUMARIO

LISTAS DE TABELAS.....	10
LISTAS DE ULUSTRAÇÕES.....	11
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	12
LISTADE ANEXOS.....	14
RESUMO.....	15
INTRODUÇÃO.....	16

CAPITULO I

UMA CADEIA PRODUTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR VOLTADA AO DESENOVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVAL.....	22
1. Agricultura Familiar.....	23
2. Cadeia Produtiva.....	25
3. Desenvolvimento Territorial.....	26
4. Desenvolvimento Local.....	28

CAPITULO II

ACAPRINO-OVINOCULTURA: EVOLUÇÃO, PRODUÇÃO E SUSTENTABILIDADE.....	31
1. A Caprino-ovinocultura no mundo: sua história.....	31
2. A caprino-ovinocultura no Brasil: Panorama geral.....	34
2.1 Evolução da Produção e produtividade: no território do Araripe – PE.....	37
2.2 Crédito.....	42

CAPÍTULO III

1. Caracterização Territorial: o Território do Araripe –PE.....	47
1.1 Projetos territoriais.....	50
1.2 Indicadores sociais.....	51
1.3 Educação.....	52
1.4 Agricultura familiar.....	54

1.5 Arranjos produtivos locais.....	56
2. Caracterização territorial: com enfoque nos municípios escolhidos.....	57
2.1 Ouricuri.....	57
2.2 Araripina.....	60
2.3 Granito.....	62

CAPITULO IV

1. Resultados da pesquisa de campo: processo metodológico.....	66
2. Caracterização das organizações pesquisadas: as associações.....	67
2.1 ACOCAMA.....	67
2.2 GRUPO DA AGROVILA.....	68
2.3 ACÓCAG.....	69
2.4 ACOAR.....	70
3. A organização da agricultura familiar: para onde está caminhando.....	71
4. A agricultura familiar e a caprino-ovinocultura em perspectiva: limites e possibilidades.....	75

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
SUGESTÕES.....	83
REFERENCIAS.....	85
ANEXOS.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Produção Agropecuária do Araripe.....	40
Tabela 02 - Informações de Crédito do PRONAF/Caprino-ovinocultura – Araripe.....	44
Tabela 03 - Composição do Fórum Territorial do Araripe – FOTEAR.....	50
Tabela 04 – Municípios do Araripe/ Área e População.....	52

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Mapa do Estado de Pernambuco/ Araripe.....	48
GRAFICO 01 – Aspectos Socioeconômico da educação.....	53
GRAFICO 02 – Pressões econômicas Sociais e Ambientais.....	54
FIGURA 02 - Mapa do Território do Araripe.....	57
GRAFICO 03 – População de Ouricuri.....	58
GRAFICO 04 – Utilização da terra, Culturas, Matas e florestas – Ouricuri.....	59
GRAFICO 05 – Produção Pecuária de Ouricuri.....	60
GRAFICO 06 – População de Araripina.....	61
GRAFICO 07 – Utilização da terra, culturas, Matas e florestas – Araripina.....	61
GRAFICO 08 – Produção Pecuária de Araripina.....	62
GRAFICO 09 – População de Granito.....	63
GRAFICO 10 – Utilização da terra, culturas, Matas e florestas – Granito.....	63
GRAFICO 11 - Produção Pecuária de Granito.....	64
FIGURA 01 – Organograma da cadeia Produtiva.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACOAR** – Associação de caprinos e ovinos de Araripina e região
- ACOCAG** – Associação dos criadores de caprinos e ovinos de Granito
- ACOCAMA**- Associação de Criadores de Caprinos e Ovinos da Micro região do Araripe
- ADAGRO** – Agencia de Defesa e Fiscalização Agropecuária de Pernambuco
- AF** – Agricultura Familiar
- APL** – Arranjo Produtivo Local
- BIRD** – Banco Internacional de reconstrução e desenvolvimento
- BNB** – Banco do Nordeste do Brasil
- CAATINGA** – Centro de Acessória e assistência técnica e instituição não governamental.
- CP** – Cadeia Produtiva
- CDRS** – Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável
- CEDRUS** – Curso de especialização em Desenvolvimento Rural Sustentável
- CEF** – Caixa Econômica Federal
- CHAPADA** – Centro de Habilitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe
- CNPC** – Centro Nacional de Pesquisa de caprinos
- CONAB**¹ – Companhia Nacional de Abastecimento e Armazenamento
- DED** – Deutscher Entwicklungsdienst
- DELIS** – Desenvolvimento Local Integrado Sustentável
- DS** – desenvolvimento sustentável
- DTS** – Desenvolvimento Territorial Sustentável
- ECOSOL** – Economia de Crédito Solidário
- FAEPE** – Federação dos agricultores do Estado de Pernambuco
- FAO** – Organização das Nações Unidas pra Agricultura e Alimentação
- FIPE** – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
- FUNTEPE** – Fundo de terras de Pernambuco
- FOTEAR** – Fórum Territorial do Araripe
- IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano
- INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e reforma Agrária

IPA – Instituto Pernambucano de Pesquisa Agropecuária
MDA – Ministério do desenvolvimento Agrário
PAA – Programa de Aquisição de alimentos
PDHC – Projeto Dom Helder Câmara
PRONAF – Programa Nacional da Agricultura familiar
PTDRS – Plano de Territorial de desenvolvimento Rural sustentável
SAG – Sistema Agroindustrial
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresa
SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SDT – Secretaria de Desenvolvimento Territorial
SNCR – Sistema Nacional de Crédito rural
SPRRA – Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária
SRD – Sem Raça Definida
STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais
SUDAM – Superintendência Pra Desenvolvimento da Amazônia
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFCG – Universidade Federal de Campina Grande
UNICAMPO – Universidade Camponesa

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	88
ANEXO 02 – QUESTIONÁRIO.....	91

RESUMO

Este documento faz uma avaliação geral do setor produtivo da caprino-ovinocultura no território do Araripe, e descreve as principais características da caprino-ovinocultura e sua relação com a organização no território, passando pelos elos da cadeia produtiva, analisando seus limites e conhecendo suas potencialidades. Deste modo a pesquisa realizada, estudou sobre a realidade da agricultura familiar no Território do Araripe e sua estratégia para interar-se de forma sustentável na cadeia produtiva da caprino-ovinocultura, através de sua organização produtiva. Destacamos ainda que o no Território do Araripe, sua economia está pautada no setor primário, onde faz com que as atividades relacionadas ao setor, tenham destaque dentro das estratégias deste território, possibilitando o alcance de novos mercados, tentando respondendo as exigências com qualidade e regularidade na oferta. Metodologicamente o trabalho esteve centrado em quatro ambientes organizacional, onde ^{se} pode, através dos dados de coleta de campo e questionário de entrevista, observar a importância da atividade da caprino-ovinocultura para a agricultura familiar. Desta forma analisamos ainda, que o arranjo organizacional da agricultura familiar caminha para interar-se de forma sustentável da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura. Por fim, desejamos com este estudo poder contribuir com o arranjo desta tão importante e valiosa atividade produtiva no território.

Palavras-chave: cadeia produtiva, agricultura familiar, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento territorial e organização.

INTRODUÇÃO

O Território do Araripe, de uma forma geral se apresenta com uma economia rural, assentada basicamente na pecuária. Nesse território, a experiência fundadora da riqueza econômica se deu em grande medida e ainda se dá sobre a acumulação de capital rural, baseado na relação de produção patrão fundiário e trabalhador/morador ou arrendatário. A bovinocultura foi à grande responsável por este processo ou atividade mãe, pois fundou a ocupação territorial. Esta atividade então gerou toda uma tecnologia apropriada nas condições concretas da região, no período Brasil Imperial. Decorrente disso, o processo de expansão e desenvolvimento dessa atividade propiciou a geração de produtos e riquezas que abasteciam outras regiões.

Neste sentido, a interiorização foi feita, a partir deste novo referencial consolidado às margens do rio São Francisco. De modo geral, podemos dizer que, o Território do Araripe teve uma experiência ~~é~~ exitosa, com a bovinocultura como carro chefe da econômica local. As atividades complementares como o plantio de milho e de feijão, que também durante décadas foram importantes na economia local e regional, atualmente, pelas condições edáfo-climáticas e fundiárias, pouco contribuem como alternativa de viabilizar o Desenvolvimento Territorial Sustentável da região. Ao longo do tempo, verificamos empiricamente, que a bovinocultura não representa alternativa sustentável, por uma série de fatores, dentre os quais, destacamos: i) O problema da questão fundiária representada com pouca extensão territorial, limitante à pecuária bovina; ii) O pouco aporte forrageiro nativo, igualmente insustentável à atividade da bovinocultura; e, iii) A descapitalização das famílias, que não se enquadram ao mercado e à pressões impostas pelos atravessadores que especulam com a pouca produção agro-familiar.

Em geral, percebemos certas contradições no desenvolvimento da atividade pecuária da bovinocultura, que tem adotado uma estratégia de produção inapropriada para a região Nordeste. Uma justificativa é a adversidade edáfo-climáticas, que inviabilizam o modelo extensivo de criação. Portanto, esta microrregião do sertão de Pernambuco, apresenta condições sociais e econômicas, que demonstram uma população vivendo em precárias condições de vida. Por outro lado, também se verifica uma intensa mobilização social das organizações locais, no sentido de enfrentar as adversidades estruturais e conjunturais que ora se apresentam.

Estas iniciativas têm procurado implementar ações que tragam impactos positivos na vida da população, propiciando uma melhor condição de vida e convivência com seu ambiente. Por isso, a presente monografia, num primeiro momento trará um esboço dessa microrregião do Araripe, de forma a explicitar esses e outros problemas existentes, que cotidianamente são enfrentados pela população da região, seja através da organização social e produtiva, seja através da intervenção política. Além disso, estar-se-á destacando, então, como alternativa, a cadeia produtiva da caprino-ovinocultura, que vem revelando-se como opção sócio-econômica para a agricultura familiar.

Tendo em vista o crescente avanço da caprino-ovinocultura, apontamos como uma concreta opção aos agricultores familiares do Araripe pernambucano. Desta maneira, ela deixa de ser uma atividade secundária e se torna a principal fonte de renda para aqueles agricultores que historicamente sempre a tiveram como uma atividade pouco significativa, realizada de forma extensiva e sem manejo apropriado. Além disso, nos últimos anos, a caprino-ovinocultura, tem-se colocado como uma opção viável e rentável, seja pela aptidão zootécnica às condições climáticas da região, seja pelo baixo investimento requerido e grande diversidade de produtos gerados. Também pelo interesse despertado pelo seguimento comercial da carne caprina e ovina, que manifesta aspectos positivos no âmbito da gastronomia, como alimento de baixo nível de colesterol e de alto poder calórico.

Diante desses pressupostos, lançamos a seguinte questão: **Em que medida a organização da agricultura familiar no território do Araripe, possibilita a interação sustentável da cadeia da caprino-ovinocultura?** Para tentar responder essa questão central da pesquisa, lançamos mão da hipótese de que **o arranjo organizacional dos agricultores familiares contribui com sua interação sustentável na cadeia produtiva da caprino-ovinocultura.** Nesse sentido, a referida hipótese poderá ser contemplada considerando as seguintes premissas: i)

Agregando valor aos produtos da caprino-ovinocultura, através da agro industrialização; ii) Respondendo as exigências do mercado em termos de qualidade e regularidade de oferta; e, iii) Ampliando seus canais de comercialização.

Este estudo de caso, contempla, de forma prioritária, o objetivo de **Analisar a maneira como a organização da agricultura familiar, no território do Araripe, possibilita a interação sustentável da cadeia da caprino-ovinocultura.** Entende-se, assim, que a cadeia produtiva da caprino-ovinocultura poderá materializar ações de Desenvolvimento Rural Sustentável. Desta forma, quatro objetivos específicos compõem a estrutura deste trabalho: i) Analisar as teorias que estabelecem relação entre desenvolvimento rural sustentável, abordagem territorial, cadeias produtivas e agricultura familiar; ii) Analisar a forma de contribuição da infra-estrutura instalada no território para ampliar o acesso da Agricultura familiar ao mercado da caprino-ovinocultura e ; iii) Estabelecer um conjunto de sugestões organizacionais que orientem o debate em torno da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura e agricultura familiar no território do Araripe-PE.

Justificamos que, embora em relação à pecuária nacional, a caprino-ovinocultura não represente numericamente um percentual tão significativo, constitui-se numa alternativa econômica viável e sustentável para diversificar a produção, principalmente para os agricultores familiares do Território do Araripe. Justificamos ainda, o fato de que caprinos e ovinos são animais bem adaptados as condições adversas do ambiente e aos diferentes regimes alimentares e de manejo. Outra vantagem destes animais se prende ao fato da capacidade de converterem em proteína, de forma muito eficiente, os mais variados tipos de forragens que lhes são ofertados na variedade que só o bioma caatinga é capaz, seja de boa ou "má" qualidade. Por fim, aprovamos que estes pequenos animais constituem uma importante alternativa para diversificar a produção, como complemento de outras atividades, seja elas agrícolas ou pecuárias.

A realização do referido trabalho de pesquisa e subsequente construção monográfica, atendendo às exigências epistemológicas e empíricas do *CEDRUS* (Curso de Especialização em Desenvolvimento Sustentável), que possui um perfil histórico na área dos estudos rurais, reforça uma sintonia acadêmica da universidade com a nova proposta do atual Governo Federal, ou seja, a do fortalecimento dos Territórios Rurais, visando efetivar ações de ordenamento do espaço rural. Assim, neste contínuo e importante espaço de debate, realizou-se a presente qualificação, voltando-se no atendimento de uma demanda local e autonomia sócio-econômica do Território do Araripe-PE.

*foi interessante
cooção do
feito com
demanda
territorial*

A proposta de pesquisar a cadeia produtiva da caprino-ovinocultura se vincula ao interesse de proporcionar melhores condições de vida da agricultura familiar do Território do Araripe-PE, como também da escolha local, que atende aos interesses desse seguimento pecuário da região. De fato, em plenária do Fórum Territorial, esta atividade produtiva foi eleita como o principal demanda de envolvimento dos pequenos agricultores locais e regionais. Outro aspecto seria o de avançar no campo teórico e da pesquisa relacionada a possíveis avanços nessa tão importante cadeia produtiva regional, levando-se em consideração todas as adversidades socioeconômicas dos agricultores familiares e da região em estudo. A metodologia de investigação abrangeu as seguintes etapas:

- Informações secundárias, que dessem conta de traçar o perfil socioeconômico do território, através de órgãos oficiais de pesquisa e de assessoria técnica local e regional;
- Contato com as associações produtivas, através de seus integrantes – os sócios – diretamente envolvidos com a atividade produtiva. Para tanto foi elaborado um Questionário ou Roteiro de entrevistas. (Anexo 1) e;
- Entrevistas semi-estruturadas, junto aos integrantes do Fórum da Caprino-ovinocultura (anexo 2), utilizado nos demais ambientes de trabalho, onde também a pesquisa foi realizada.

No processo de escolha das informações desejadas e possíveis contatos institucionais e/ou pessoais (através das entrevistas junto aos agricultores familiares) para a pesquisa, consideramos preliminarmente como importantes alguns critérios: i) Município que já tinham uma associação produtiva, com um mínimo de organização; ii) Associações que eram ligadas ao Fórum da Caprino-ovinocultura e que já faziam parte das discussões territoriais; e, por fim, iii) Todos os ambientes que já haviam adquirido investimentos de infra-estrutura da SDT (Secretaria de Desenvolvimento Territorial), para o desenvolvimento da atividade em questão. Assim, a amostra abrangeu todos esses ambientes, onde a atividade é relevante do ponto de vista econômico, social e ambiental.

Metodologicamente o presente trabalho, apresenta, de forma objetiva, as principais características da exploração de caprinos e ovinos, com base em pesquisas exploratórias, a partir de um breve levantamento bibliográfico, alicerçados posteriormente pelos questionários semi-estruturados, entrevistas. Nossa opção foi pelo uso da metodologia qualitativa do planejamento

por considerá-la mais adequada para responder e/ou viabilizar aquilo que estamos querendo investigar neste trabalho de pesquisa acerca da caprino-ovinocultura na região do Araripe, enquanto uma estratégia de Desenvolvimento Rural Sustentável. Inferimos que para o estudo ora em proposição, a quantificação deixa uma série de lacunas em aberto, que num trabalho de monografia não teríamos como preenchê-las.

A nossa principal estratégia de trabalho orientada pela metodologia do planejamento de Buarque (2002) em sua dinâmica multidisciplinar combina com os fundamentos propositivos aqui em gestação que para nós se materializará com o processo de interação participativa e direta dos diversos atores sociais, enquanto uma metodologia de capacitação capaz de implementar o Desenvolvimento Rural Sustentável da caprino-ovinocultura na região do Araripe-PE. Acreditamos também ser possível registrar e identificar as principais demandas do território. A nossa principal finalidade é potencializá-las, ao mesmo tempo fazendo com que as mudanças sejam possíveis de ocorrer na atual conjuntura, de contradições sociais, a partir de um planejamento no qual o processo participativo e decisório seja efetivamente postos em prática. Por isso, no âmbito local, desejamos criar mecanismos/estratégias de desenvolvimento sustentável em oposição à lógica do subdesenvolvimento, imposta historicamente à agricultura familiar em nosso país, em nossa região, neste naco específico, os agricultores envolvidos com a caprino-ovinocultura no Araripe-PE.

O documento faz uma avaliação geral do setor, e descreve as principais características da caprino-ovinocultura e sua relação com a organização no Território do Araripe em Pernambuco, analisado quatro ambientes, a saber: i) Atuação de um grupo de mulheres, comercializando com cortes especializados no mercado local em Ouricuri-PE; ii) Existência de uma infra-estrutura (mine abatedouro) construído com recursos da SDT, e comercializando para alimentação escolar (Granito), mercado institucional; iii) Existência de prática agroecológica na produção/manejo animal (Araripina-PE); e, iv) Possibilidade de ampliação de um projeto já existente junto à CONAB, onde irá atender todo Território do Araripe, com apoio e gerenciamento da ACOCAMA (Associação de Criadores da Região do Araripe).

No entanto, estruturamos a presente monografia da seguinte forma: No primeiro capítulo estar-se-á fazendo referências a uma série de conceitos, sobre Agricultura Familiar (AF), Desenvolvimento Sustentável (DS), Território (T) e, Cadeia Produtiva (CP), para que possamos analisar as teorias que estabelecem relação entre desenvolvimento rural sustentável, abordagem

territorial, cadeias produtivas e agricultura familiar; entender todo este “novo” modelo de desenvolvimento, dentro da lógica e da proposta de territorialidade, implantada pelo atual Governo desde 2003. No segundo capítulo nossa referência é em relação a caprino-ovinocultura, como esta atividade pecuária se apresenta, no mundo, no Brasil e todo seu processo de desenvolvimento no território do Araripe, ora em proposição. No terceiro e último capítulo a pesquisa de campo, em que se apresenta, onde é possível fazer uma caracterização das organizações pesquisadas, analisando os limites e possibilidades deste arranjo produtivo e Por fim, algumas conclusões, ainda que de forma preliminar ^{geral} a cerca do processo de organização da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura, onde será possível apontar algumas sugestões norteadoras para o fórum da caprino-ovino, que é uma câmara técnica de discussão do fórum territorial.

CAPÍTULO I

Uma cadeia produtiva da Agricultura Familiar voltada ao DTS

Definidas as premissas metodológicas do presente trabalho, neste primeiro capítulo destaca-se um conjunto de referenciais, capazes de dar suporte teórico a ^otema central da “*A caprino-ovinocultura no Território do Araripe-PE: Limites e possibilidades na perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável*”. Nesse sentido, estar-se-á trabalhando conceitos como: Agricultura Familiar (AF), Desenvolvimento Sustentável (DS), Território (T) e, Cadeia Produtiva (CP), que têm, em princípio, aporte teórico em Andrade (2000), Furtado (1996), Santos (2003), Leff (2006) e Buarque (2002).

Em relação à teoria de Andrade (2005) compreendemos que a mesma apresenta um perfil que mostra a inviabilidade do desenvolvimento do Nordeste, que historicamente foi penoso e medíocre e sempre esteve associado às exigências dos grandes proprietários, ou como popularmente se conhece como os famosos currais. A partir dessa idéia, que coloca o desenvolvimento de forma irregular, é que levantamos nossa preocupação e pautamos o presente estudo na região do Araripe-PE. Nesse sentido, é importante dizer que vemos como necessário e adequado repensar o modelo de atividade ligada à cadeia da bovinocultura, ainda dominante na referida região. Ou seja, acreditamos ser necessário encontrar modelos que superem o finalismo, e nesse sentido, a caprino-ovinocultura se coloca como alternativa adequada, a partir do instante em que a mesma nos dá instrumentos para (re) estruturarmos e (re) significarmos os aspectos culturais fundantes como imutáveis.

perfil
até associado
estudo que
devido a

Ao se pensar em modelos de desenvolvimento é importante resgatar as considerações de Furtado (2005), que afirma que o nosso modelo de desenvolvimento foi sufocado pela disparidade de níveis de renda existente entre a região nordeste e a centro-sul do país. Para o mesmo, o ritmo de crescimento da economia nordestina, nos últimos decênios vem sendo substancialmente inferior ao verificado da economia da região Sul. Já Para Leff (2006) um modelo de desenvolvimento para ser sustentado e eficiente deve enquadrar-se em diretrizes, que obedeça a lógica da natureza. Uma ruptura com as diretrizes da lógica de mercantilização da natureza e ao mesmo tempo propor uma inclusão e valorização dos aspectos culturais e simbólicos de um determinado grupo social como alternativa.

1. Agricultura Familiar

A agricultura familiar não significa pobreza. É uma forma de produção em que o núcleo de decisões, gerência, trabalho e capital é controlado pela família. É o sistema predominante no mundo inteiro. No Brasil, são cerca de 4,5 milhões de estabelecimentos (80% do número de estabelecimentos agrícolas), dos quais 50% no Nordeste. O segmento detém 20% das terras e responde por 30% da produção nacional. Em alguns produtos básicos da dieta do brasileiro - como o feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais - chegam a ser responsável por 60% da produção, conforme dados da Fundação Instituto de pesquisas Econômicas (FIPE), assim como é responsável por 77% dos empregos gerados no campo. Em geral, é o agricultor com baixo nível de escolaridade que diversificam os produtos cultivados para diluir custos, aumentar a renda e aproveitar as oportunidades de oferta ambiental e disponibilidade de mão-de-obra. Por ser diversificada, a agricultura familiar traz benefícios agro-sócioeconômicos e ambientais. A agricultura familiar obedece à lógica da natureza, onde a diversidade dos seres, sejam eles vegetais ou animais, interagem entre si, favorecendo seu ambiente, o tornando pluriativo, até mesmo por uma questão de sobrevivência imposta pelas adversidades ^oadafo-climáticas.

→ Para possibilitar esse incremento na renda, é necessário que agricultores que trabalham sob regime familiar tenham acesso a mais tecnologia, acesso as políticas públicas e assistência técnica, onde possibilite contratar até 02 pessoas fixas para auxiliar na mão de obra familiar.
Precisam modernizar seus sistemas gerenciais e organizativos, verticalizar a produção, descobrir nichos de mercado e desenvolver atividades não-agrícolas, para complementação de renda, como

→ Por que essa limitação da contratação?

Sustentabilidade? deve-se inserir o contexto e os processos.

o mudomeço
sento de
p/ AF.
isso mesmo?

é o caso do artesanato, feito a partir da palha do milho desenvolvido em vários municípios da região, onde auxiliam como complemento de renda em várias famílias em épocas de maior estiagem. Por isso, a preocupação da pesquisa em apresentar alternativas tecnológicas, gerenciais e organizativas, que possam ser utilizadas pelos diferentes estratos da agricultura familiar, nas diversas regiões do país. Entre os benefícios, está a inserção da produção das famílias em mercados de importantes centros consumidores, garantindo sua viabilidade econômica e social.

Os autores Schneider (1999) e Abramovay (1992), concordam que o tema da agricultura familiar, foi atravessado por condicionantes políticos e ideológicos naquilo que era o esforço de compreender as especificidades da "Questão agrária Brasileira", as características das relações sociais no campo (Feudais ou capitalistas), para daí vislumbrar o que seriam os grupos sociais potencialmente revolucionários.

No Brasil, a temática da produção familiar esteve, até a primeira metade dos anos de 1990, segundo Schneider (1999), sucumbida à prioridade dada para as análises sobre a expansão do capitalismo para o meio rural, a especificidade deste processo e formação das estruturas de classes. Segundo Abramovay (1998), no Brasil, os estudiosos e planejadores do desenvolvimento, que consiste em ver o Brasil a partir das cidades, e não do campo, desconhecendo a importância econômica e social. É esta visão depreciativa que vem dos "grotões" da sociedade se reforça com o tratamento do meio rural como um vazio social, seus problemas encontram "solução" no êxodo, banalizado de sua população, ainda remanescente para as cidades; a redução da população é percebida como um sinal de progresso, de que seria exemplo de nações desenvolvidas. ??

Nestes países desenvolvidos, as preocupações crescentes sobre o meio ambiente, as representações a respeito do território nacional e do papel atual da agricultura no desenvolvimento, a busca de soluções para as crises sociais, especialmente associadas ao emprego e às transformações da agricultura, recolocam a "ruralidade" no contexto das sociedades modernas. No Brasil, ~~todo este processo vem sendo observado~~, a crise do modelo de sociedade (desemprego, violência urbana, etc), A redução dos fluxos migratórios para as grandes cidades, vem sendo observado, a partir das novas demandas no que se refere à modernização da agricultura, que podemos chamar de "sustentabilidade social," onde explicita a cidadania rural, e o que vem ser "rural", dentro da atualidade brasileira. O exemplo de outros territórios, como é o caso do Cariri Praribano, aonde a atividade da caprinocultura, vem se desenvolvendo de tal

of
uso

tal fato não ~~está~~

↓
Você não citou nenhum site
apoiar, como pode se referir a
outros?
24

forma, que está acontecendo um processo inverso, tive depoimentos de um agricultor onde ele diz:

“...Mandei buscar meu filho em São Paulo pra me ajudar na lida aqui! Hoje ele tira em torno de 500,00 real por mês e está perto de sua família”

Agricultor do Cariri da Paraíba!

2. Cadeia produtiva

Cadeias produtivas referem-se ao conjunto de atividades mecânicas e/ou intelectuais pelas quais passam e vão sendo adequados, transformados e transferidos os diversos recursos naturais e culturais, em ciclos de produção, distribuição e comercialização de bens e serviços. Implicam divisão de trabalho, na qual cada empreendimento ou conjunto de empreendimentos realiza etapas distintas do processo produtivo.

Os conceitos de agro negócio (ou negócio agrícola) de cadeia produtiva, sistema produtivo constituem aplicações da teoria geral dos sistemas, ou enfoque geral dos sistemas. Um sistema é, na definição de Speding (1975), “um conjunto de componentes interativos”. A caracterização de um sistema (ou sua análise) inicia-se com o estabelecimento de seus objetivos seguida da definição de seus limites, subsistemas e entidades componentes e contexto externo.

O agro negócio compõe-se de cadeias produtivas, e estas possuem em seus componentes, os sistemas produtivos, que operam em diferentes ecossistemas ou sistemas naturais. No ambiente externo ou contexto do agro negócio, existe um conglomerado de instituições de apoio, composto de organizações de crédito, pesquisa, assistência técnica, entre outras, e um aparato legal e normativo, excedendo forte influência no seu desempenho (Daves & Goldberg, 1957, Araújo et al., 1990),

Cadeia produtiva é um conjunto de componentes interativos, incluindo os sistemas produtivos, fornecedores de insumos e serviços, indústrias de processamento e transformação, agentes de distribuição e comercialização, além de consumidores finais. Objetiva suprir o consumidor final de determinados produtos ou subprodutos. (Castro et al. 1994; 1996a).

A visão sistêmica trazida pela conceituação do setor agrícola como agro negócio foi um avanço no método científico, apoiando a pesquisa neste segmento da economia. Ao considerar a agricultura como um agro negócio, foi possível realçar e dimensão gerencial deste empreendimento e reforçar a necessidade, de inovação tecnológica e gerencial, como instrumentos para seu crescimento.

sistemas
perados
individuais
sistemas + agentes

Para Antonio Nogueira Filho, pesquisador do CNPC (Centro Nacional de Pesquisa de Caprinos), as interações lógicas e desejáveis para a cadeia produtiva da Caprinovinocultura, de corte e de leite, ou seja, a indústria de insumos, produção agropecuária; abate/beneficiamento e distribuição (atacado e varejo). Os elos intermediários desnecessários, que atualmente existe ao longo da cadeia produtiva, e que ocorre para reduzir a sua competitividade, não estão contemplados obviamente. Assim os esquemas sugeridos guardam estreita correlação com o conceito de sistema agroindustrial, ou seja, "conjunto de atividades agropecuárias, industriais e de serviços, que mantém sinergias de caráter tecnológico, comercial e econômico, cuja matéria-prima principal venha do setor agropecuário, ou cujo produto final tenha naquele setor de seu mercado".

Para se entender as relações entre os diversos agentes de um sistema agroindustrial (SAG), não se pode perder de vista a visão do todo (visão sistêmica), ou seja, a relação entre os agentes, a importância da coordenação da cadeia produtiva e o foco no consumidor final, como o regente do processo. Compreendendo, além disso, que a SAG está inserido em dois ambientes: O industrial, composto pelas (leis, cultura, tradição, educação e costumes), e o organizacional (onde se localiza as estruturas de apoio à produção, como os bancos, as associações, os fóruns, os sindicatos, a pesquisa agropecuária etc.).

O conhecimento da cadeia produtiva permite identificar pontos de restrição à sua eficiência, e tentar resolver os conflitos, principalmente os relacionados à distribuição de margens dos seus diversos elos. A participação das Associações e dos sindicatos representativos de classe, nessas negociações, hoje é de fundamental importância, por dois motivos: Para conferir maior equilíbrio de forças e para assegurar que as partes pensem também nos interesses maiores do SAG. Mesmo que uma solução ótima não possa ser atingida, o custo de não se negociar pode ser ainda maior pela perda de competitividade da cadeia como um todo.

3. Desenvolvimento Territorial

"O desenvolvimento se reproduz através da cultura e se modifica através dela"

Edgard Morim

Neste momento estaremos discutindo os conceitos de Território e Territorialidade a partir das ciências sociais e ambientais, utilizaremos as concepções Manoel Correia de Andrade; Ricardo Abramovay; Jose Eli da Veiga; entre outros.

O que mais pode ser a expressão territorialidade?
as características da interação entre os atores?

que a ideia
completa
onde?

O território é o local da manifestação da vida, é chão mais população, então é identidade, criada a partir do sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (SANTOS, 2000, p. 96). Considerando que a expressão territorialidade pode ser encarada tanto como o que se encontra no território, e está sujeita a gestão dos atores, servindo de elemento de tomada de consciência da população de que faz parte de um território (ANDRADE, 1998, p. 214), contendo em si a preocupação com o destino e a construção do futuro (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 19). *Quanto...?*

O conceito de "território" surgiu há alguns anos, na literatura especializada, assim como no vocabulário das políticas de desenvolvimento. Como definir território, numa perspectiva de desenvolvimento? É um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizados por critérios multidimensionais, tais como, ambiente, economia, cultura, política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidades e coesão social, cultural e territorial.¹

Primeiro território faz referência à gestão de um espaço governado (Andrade, 1995). No sentido sócio-antropológico, Tizon (1995) chama de território "o ambiente de vida, de ação e de pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidade".

Para Abramovay (1998), Um território apresenta uma trama de relações com "Raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico".

O Cirad-Sar Norteia-se pelo conceito de território como um espaço, construído historicamente, no qual a eficiência das atividades econômicas é intensamente condicionada pelos laços de proximidade e pelo fato de pertencer a este espaço. O território é então um resultado e não um dado. Por isso, fala-se de "construção dos territórios" a partir das estratégias de atores envolvidos e de mecanismo de aprendizagem coletiva, quer dizer, aquisição de conhecimentos, de informações comuns, por meio de prática ou de experiência coletiva. A ideia central da abordagem territorial do desenvolvimento é a preocupação pela integração e pela coordenação entre as atividades, os recursos e os atores por oposição a enfoques setoriais ou

¹ "Referências para uma estratégia de Desenvolvimento rural Sustentável no Brasil" publicado pelo CONDRAF como texto para discussão número 4 do NEAD/MDA, em outubro de 2003. Revisado e republicado pela SDT/MDA em março de 2005.

corporativistas que supram o urbano do rural, e o agrícola do industrial (a universidade do ensino básico, a pesquisa da extensão, etc.).²

A concepção de territorialidade rural apóia-se na revalorização do espaço rural e de sua geografia como unidade de gestão, que permite integrar uma realidade econômica multisetorial e dimensões políticas, sociais, culturais e ambientais que vem construindo uma institucionalidade dinâmica, que vem demonstrando resposta a muitas das falências mostradas pelo desenvolvimento rural nas últimas décadas.

Fazer o ajuste de políticas rurais setoriais com políticas apoiadas no território é um grande desafio; sem dúvida, é necessário redobrar esforços para incorporar o critério espacial na redefinição de políticas públicas.

Uns territórios distinguiram-se de espaço, de lugar e também de região. Como lembra o professor Manuel Correia de Andrade (1995), "deve-se ligar sempre a idéia de território a idéia de poder (...), poder público estadual, (...), poder das grandes empresas (...)". A diferenciação clássica entre território e espaço, "um território é um espaço governado e administrado", é hoje redutora, já que os recursos públicos e sua administração passaram a ser manejada por coletividades sociais, e que a noção de "governança" tem ampliado o sentido da de governo.

4. Desenvolvimento Sustentável

O debate que se trava atualmente no Brasil e no mundo acerca da resposta do desenvolvimento? Segundo José Eli (2005), as discussões referentes à esta temática tem a necessidade de se propor um novo modelo de desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico. Nesse sentido, a revalorização dos espaços rurais e sua contribuição, principalmente, no que diz respeito às múltiplas funções a serem desempenhadas pela agricultura, dentro da perspectiva da sustentabilidade, têm colocado em pauta, a necessidade de criar mecanismos que legitimem os diferentes segmentos sociais da agricultura familiar. Estes mecanismos podem estar relacionados aos serviços, local de moradia, lazer, turismo, proteção ambiental e industrialização da produção, juntamente à sua vocação principal, a de continuar produzindo alimentos para atender principalmente ao crescente aumento da população mundial.

² SABOURIN E; TEIXEIRA, O. (eds.). Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais: Conceitos, controvérsias e experiências. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002. p. 22-23.

A idéia não ficou clara. Existe uma contradição

O desenvolvimento local pode ser conceituado como um processo endógeno de mudanças, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local. Ao mesmo tempo este desenvolvimento deve obedecer e assegurar alguns requisitos, assim como, a conservação dos recursos naturais locais, a cultura existente, que são à base de suas potencialidades e condição para a qualidade de vida local. Este movimento endógeno demanda normalmente um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetiva na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

O desenvolvimento local é o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e a inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território.³ O desenvolvimento local demanda mudanças institucionais que aumentam a governabilidade e a governança⁴ das instituições públicas e locais, incluindo o município, construindo uma relativa autonomia das finanças públicas e acumulação de excedentes para investimentos sociais para a localidade. Por isso o desenvolvimento local não pode ser confundido com o movimento econômico gerado por grandes investimentos de capital externo, que não se internalizam e não irradiam na economia local. O desenvolvimento local sustentável resulta dessa forma, da interação e sinergia entre a qualidade de vida da população local.

A redução da pobreza, geração de riquezas e distribuição de ativos, o que chamamos de eficiência econômica com agregação de valor na cadeia produtiva. Assim, qualquer estratégia para o desenvolvimento local deve se estruturar em pelo menos, três grandes pilares: Organização da sociedade, contribuindo para a formação de capital social (entendido como capacidade de organização e cooperação da sociedade local) combinado com a formação de espaços institucionais de negociação e gestão; agregação de valor na cadeia produtiva, com a articulação e o aumento da competitividade das atividades econômicas com vantagens locais, e por último a

³ BUARQUE, Sérgio C. Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, p. 25-26.

⁴ Não apenas legitimidade, expressa pela governabilidade, principalmente capacidade efetiva de execução "implementação" de ações e investimentos.

reestruturação e modernização do setor público, como forma de descentralizar as decisões e elevação das eficiências da gestão pública. Tudo isso associado à forma de distribuição de ativos sociais, principalmente o ativo conhecimento, expresso pela escolaridade e pela capacitação tecnológica. As mudanças que decorrem destes três processos e a sinergia gerada no conjunto do tecido social viabilizam o desenvolvimento local de forma consistente e sólida.

~~Podemos observar com clareza que a partir do momento em que a agricultura começou a sofrer fortes impactos decorrentes da trajetória tecnológica ditada por setores industriais, surgiram preocupações sobre as novas formas de inserção econômica da população rural, sobretudo das pessoas ocupadas em pequenas unidades familiares de produção (Agricultura familiar). O debate, notadamente dos sindicatos, Ongs e profissionais ligados as questões agrícolas, afirmavam que as atividades complementares exercidas por membros das famílias de agricultores, significavam entraves ao desenvolvimento de uma agricultura moderna.~~

Segundo supressão do parágrafo



CAPÍTULO II

A Caprino-ovinocultura: Evolução, produção e sustentabilidade.

Neste capítulo estar-se-á apresentando um pouco da evolução da caprino-ovinocultura no mundo, no Brasil e em especial no Território do Araripe-PE. Nesse contexto, analisaremos aspectos deste estudo de caso a respeito dos limites e possibilidades na perspectiva do Desenvolvimento Sustentável, dentro do processo de produção e produtividade, dessa importante cadeia produtiva rural. Esta abordagem também nos possibilitará ainda entender um pouco do funcionamento do crédito rural, como importante instrumento de fomento para o desenvolvimento da atividade em questão. Por fim, o presente capítulo trará uma pormenorizada caracterização territorial, destacando os municípios do Território do Araripe-PE, escolhidos como ambientes de pesquisa.

1- A caprino-ovinocultura no mundo: sua história

As nações desenvolvidas sempre mostraram respeito pelos rebanhos de cabras e ovelhas, até porque elas são o elo entre o presente e as famílias ancestrais. De geração em geração, os governos europeus, sempre estimularam a atividade criatória da caprino-ovinocultura, ora na produção do leite de cabra ou de lã, ora na produção da carne, forma de manter viva a tradição milenar e na crença de que essa atividade constrói a alma de uma nação!

/ A história também nos mostra que os homens ricos eram os que possuíam mais cabras e mais ovelhas. Já no modernismo, com advento da revolução industrial, com profundas

modificações no sistema econômico-produtivo com valorização da agricultura voltada ao comércio mundial, isso tudo foi se modificando. Com isso as autoridades Européias endossaram à perseguição a cabra no setor urbano e abençoaram as ovelhas, voltadas a atender a demanda dos teares mecânicos recentemente inventados. Essa tendência reverteu-se mundialmente nas últimas décadas, com o advento dos tecidos (poliéster, nylon, poliamida, etc.) sintéticos da indústria petroquímica. Já no Brasil, no aspecto geral também ficou um enorme vazio histórico e institucional a respeito das cabras e ovelhas evidenciado na maioria da literatura e estudos realizados sobre esse segmento da agropecuária nacional.

Ainda, historicamente, Segundo Santos (2003, p. 11-12) também no apogeu de Roma, os cidadãos ricos, orgulhavam-se de seus rebanhos; e frequentemente os velos (pele com lã) eram banhados com azeites ou vinhos caros para garantir mais brilho e maciez. O fato é que a história nos mostra que estes animais precisavam acompanhar todas as civilizações, para vesti-las e nutri-las, desde a mais remota civilização da antiguidade.

"Todos os seres humanos devem qualquer coisa a esse animal, é o próprio símbolo da tradição".

Faraó Tucâncamon

Menciona ainda Santos (*op cit.*), que o diretor do departamento caprino do *Instituto Technic de l'Élevage Ovin et Caprin* (ITOVIC) em Paris, Jean-Claude Le Jaouen, diz:

"O homem abate florestas, povoa as terras com vacas, enquanto elas conseguem encontrar alimentos suficientes, depois traz carneiros, cujas linguas bifidas podem arrancar a erva pela raiz. Se soltarmos um carneiro no pasto ele baixa a cabeça e vai comendo, com uma indiferença absoluta por todo resto. Quando este mesmo local está completamente devastado, trazemos os caprinos, que por sua vez são os únicos que conseguem ainda sobreviver ali. É claro que tentando salvar sua própria vida, a cabra sem terra, vagabunda, errante e escorraçada, procura seu sustento nas estradas ou incursões clandestinas na inviolável propriedade alheia. Apesar de todos os danos praticados por esta existência irregular, é inegável o relevante papel que os caprinos têm desempenhado, e continua a desempenhar no mundo como sustentáculo alimentar e econômico, principalmente para as regiões mais carentes, sendo responsável pela sobrevivência de milhões de pessoas".

Apesar de tudo, e de séculos de desventura, o rebanho mundial de cabras e ovelhas é substancial, proporcionando para milhões de pessoas no mundo inteiro, principalmente para as comunidades mais pobres, utilidades e alimentos. Depois de tanta desventura começou a surgir estudo para utilização racional destes pequenos animais.

Segundo Pascoal de Moraes (1923, p.42), aqui no Brasil, apesar do desleixo na criação de cabras, ela com sua pele garantia exportações superiores a 52 mil contos de reis no início do

século XX, valor somente inferior ao cacau, fumo, cana de açúcar e mate. Até mesmo porque no Brasil não existia ainda as indústrias frigoríficas, nem indústrias de beneficiamento de leite e lã. As peles eram exportadas para o exterior para serem curtidas e depois importadas pelos denominados "coureiros" Brasileiros para a fabricação de calçados. Um século depois, e pouca coisa mudou no cenário nacional, a situação no Brasil e em particular no Nordeste continua sendo quase a mesma, não pode continuar achando que as cabras e as ovelhas sejam as vilãs deste cenário, mas sim à irresponsabilidade, arrogância dos homens que comandam esta região.

Em 1969, sob orientação da FAO, reuniu-se em Roma um grupo de trabalho permanente para desenvolver e utilizar o leite de cabra para fins humanos, considerando como sendo da mais alta importância econômico-social. A partir deste grupo criado pela *Food Agricultural Organization* - FAO, a França realizou em Tours no ano de 1971 a segunda conferência de caprinos, com a presença de 123 de 186 países, dos cinco continentes. Daí em diante ficou fundado um Comitê Mundial de Organização da Criação de Caprinos (CMOCC). Na verdade desde 1960, tem havido conferências internacionais para discutir esta atividade em vários países a exemplo de Madrid [Espanha], Tours [França], Tucson [Estados Unidos], e até no Brasil (1987).⁵

No Brasil também aconteceram campanhas difusas, onde os governos anteriores não valorizavam e nem reconheciam esta tão antiga atividade pecuária, como uma importante fonte de alimento e renda, principalmente para os mais pobres das regiões mais carentes deste País. A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia- SUDAM, implantaram mais de dois mil projetos de criação de bovinos. Neste mesmo período, apenas meia dúzia de caprinos e ovinos era implantada, apenas algumas unidades demonstrativas, entre as décadas de 70 e 80, isto na região do semi-árido nordestino, onde poderia caber mais de dois mil projetos de caprinos e ovinos, que com certeza o cenário da pecuária do Brasil ^{seria} outro.⁶

Avançando para a década de 1990, o progresso da caprino-ovicultura foi intenso, com o advento da transferência de embriões, que modernamente os caprinos já podiam fornecer carne, leite, peles e esterco. A pergunta é porque os caprinos não foram criados maciçamente pela humanidade no lugar de vacas? A resposta é simplesmente porque os caprinos odeiam ventos e lugares úmidos, aumentando assim os cuidados, ou seja, o manejo com estes pequenos

⁵ SANTOS, *op cit.*, p.16.

⁶ Id.

ruminantes teria que ser mais intenso. Outro aspecto seria com relação ao ciclo reprodutivo, os cuidados também deveriam ser maior do que os bovinos. Daí a culpa, no entanto teria sido sempre do homem, que sempre os colocou em lugares nem sempre adequados, apenas em um cercado, deixando por conta deles.⁷ Por fim, sabemos que a cabra pode ser nociva sim, se for mal manejada; mas é responsável também pelo alimento na vida de milhões de pessoas, talvez bilhões. Se fosse possível calcular os prejuízos causados a civilização, com certeza esta atribuição ficaria com os bovinos, tanto pelas doenças que transmitiram e continuam transmitindo aos seres humanos, quanto ao meio ambiente, através do desmatamento para possibilitar sua criação. Os homens, no entanto, escondem os malefícios dos “lucrativos” bovinos e divulgam as desvantagens dos poucos explorados caprinos e ovinos.

2- A caprino-ovinocultura no Brasil: panorama geral

Como acabamos de ver, a caprino-ovinocultura é uma atividade explorada em todos os continentes. Segundo Nogueira Filho (2003) a atividade se desenvolve em áreas que apresentam as mais diversas características edáfo-climáticas. No entanto, só ^{em} alguns países esta atividade apresenta expressão econômica, sendo, na maioria dos casos, desenvolvidas de forma empírica e extensiva, onde adotando baixo nível de tecnologia, e ~~conseqüentemente~~, ^m apresentando baixa produtividade e rentabilidade. Consta que, desde o extremo Sul ao Nordeste, os governos nunca se autprepararam para gerenciar a caprino-ovinocultura, como uma atividade que viesse garantir renda e sobrevivência ao homem ou a mulher do campo, deixando esta atividade sempre ao Deus dará.

Em alguns momentos, a atividade logrou progresso nas mãos de fazendeiros ou de alguns técnicos abnegados. Esta é uma parte que ficou marcada na história. Contudo, no Nordeste os picos de seca sempre foram o grande entrave, onde força o sertanejo a consumir ou liquidar grande parte de seu patrimônio zoológico. Nesta região poucos animais que conseguiram escapar, no passado, adquiriram ecótipos resistente, espertos e semi-silvestres.⁸ A história mostra que o Nordeste, foi esvaziando suas riquezas zoológicas e botânicas, isto devido a pouca cultura com a preservação e pelos fatores adversos da natureza. Isto uma coisa é certa, qualquer leigo enxerga o enorme rebanho Nordestino sem qualquer melhoramento genético ou segregação.

⁷ Id.

⁸ SANTOS, Rinaldo. A cabra e a ovelha no Brasil, p. 05.

Introduzido pelos colonizadores Europeus, adaptaram-se as condições adversas da Caatinga Nordestina. Estes animais possibilitaram o surgimento de novos tipos raciais com grande rusticidade, o que favoreceu até os dias de hoje a sua existência, embora perdendo um pouco de suas características iniciais. Os maiores detentores do rebanho ovino mundial são a Austrália, China e Nova Zelândia, que concentram respectivamente, 28%, 14% e 9% do efetivo mundial. Quanto aos caprinos, os maiores criadores são a Índia a China e o Paquistão, que juntos concentram 42% do rebanho do globo.

Segundo Nogueira Filho (*op. cit.*), o Brasil conta com um rebanho caprino e ovino que somados representa apenas 32 milhões de cabeças, equivalente apenas a 3% do efetivo mundial, o qual é superior a 990 milhões de animais. Se levarmos em conta a dimensão territorial, e as condições edáfo-climáticas, trabalham com um efetivo numericamente inexpressivo, principalmente se levarmos em conta o nosso rebanho bovino, que cujo efetivo nacional é da ordem de 170 milhões de cabeças. De acordo com projeções feitas pelo Instituto de Pesquisa FNP- Consultoria & Comércio para o ano de 2004, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região Nordeste tem aproximadamente 9,2 milhões de caprinos e 8,5 de ovinos, o que corresponde respectivamente a 92,97% e 54,59% dos rebanhos do País. Dos estados do Nordeste, o que concentra maior rebanho é a Bahia, chegando a um percentual 42,8% do plantel Nacional.

Criados de forma extensiva e com pouco cuidado, ^{ovais?} os rebanhos caprinos e ovinos não tem apresentado crescimento expressivo ao longo destes anos, a respeito da rusticidade e da adaptabilidade à região, da qual predomina a Caatinga. Mesmo assim, nos últimos anos, têm apresentado uma melhoria razoável em seu padrão genético. Esta melhoria se faz necessário, devido à competição por produtos de alta qualidade que os mercados impõem, e isto tem provocado uma busca incessante por novos conhecimentos técnicos e gerenciais. Neste mister, as instituições públicas e privadas vêm desempenhando um excelente papel, dando um novo delineamento neste cenário.

Kasprzykowski (1982), diz que a Caprino-ovinocultura é de extrema importância sócio-econômica para o Nordeste brasileiro. A produção de caprinos e ovinos representa uma alternativa na oferta de carne, leite e derivados, favorecendo o aspecto alimentar, principalmente para as famílias mais carentes do semi-árido Nordestino. O crescimento vertiginoso destes pequenos ruminantes vem mudando o cenário dos nossos sistemas produtivos. O fato é que nas

ultimas décadas a caprino-ovicultura tropical, vem sofrendo transformações radicais nos diversos elos da cadeia produtiva, a mercê de uma notória expansão dos mercados internos e externos.

Diante disso, as cadeias produtivas envolvendo o agro negócio da Caprino-ovinocultura devem adaptar-se às emergentes e dinâmicas transformações que envolvem a humanidade, a qual está inserida de forma irreversível no complexo processo de globalização da economia. Para que a Caprino-ovinocultura no Nordeste Brasileiro se transforme em um negócio economicamente sustentável, gerando excedentes para os atores desta cadeia produtiva, faz-se necessário a "implementação" de um amplo programa e ações voltadas para este setor, reduzindo e superando os entraves ao desenvolvimento da atividade. Neste sentido, é preciso toda uma mobilização e comprometimento de todos os agentes envolvidos neste processo (Governo, pesquisadores, comerciantes e estruturas de apoio). As ONG's também têm um grande papel neste processo, com vistas ao estabelecimento de diretrizes, cumprimento de metas entre todos os elos participantes da cadeia. (KALPRZYKOWSKI, 1982 p. 10).

O desenvolvimento de projetos cooperativos será a tônica gerencial que prevalecerá neste mercado globalizado e cada vez mais exigente, quanto à qualidade dos produtos. A interação entre órgãos governamentais e a iniciativa privada terá que ser permanente e crescente. O mercado acena com grandes oportunidades, mas somente a partir da organização dessa atividade, é que o Nordeste poderá inserir-se de forma competitiva neste mercado emergente da economia.

Considerando a adaptabilidade desses animais, principalmente na Caatinga de forma extensiva, desde os primórdios da colonização brasileira, analisamos sua importância, não só como a principal fonte de proteína para as famílias rurais. A pele é de excelente qualidade e o leite tem um alto valor nutritivo, e por outro lado, o destacado papel social desta atividade. Gerando renda para as famílias do semi-árido e garantindo sua sobrevivência em poucas glebas de terra, possibilitando muitas vezes a fixação do sertanejo no campo.⁹

Dentro do processo de reorganização política, social e principalmente econômica, que a sociedade Brasileira vem passando, onde o governo Federal através da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT), apoiando os territórios rurais, considerando o papel da agricultura familiar e da reforma agrária, vem ampliando e fortalecendo as bases produtivas existentes nestes territórios.

⁹ KASPRZYKOWSKI, J.W.A. *Desempenho da caprino-ovicultura e ovinocultura no Nordeste*. Fortaleza: BNB / ETENE, 1982., p. 39.

2.1. Evolução da produção e produtividade: no território do Araraipe-PE

Para melhor organizar a produção, se faz necessário conhecer o todo da produção, bem como compreender o conhecimento que o produtor tem sobre o que produz, e a assistência técnica a Ele disponibilizada.

A pouca qualificação da população rural deste território e o alto nível de pobreza destacam-se como limites para o desenvolvimento. Mesmo assim, o setor rural tem dado sua contribuição para economia como fornecedor de diversos produtos, por hora têm sido motivos de preocupação das organizações locais. Estas organizações procuram implementar ações que promovam a melhoria da qualidade de vida da população, com aumento de renda, organizando a produção e a comercialização, inserindo-as de forma mais eficiente no mercado; tudo isso dentro de uma ótica de convivência harmoniosa com o meio ambiente. O quê?

As Famílias Rurais do Território do Araraipe compõem unidades produtivas capazes de incorporar importantes tecnologias, de participar de mercados dinâmicos e de operar de forma responsável com o crédito. Nesse sentido, as políticas públicas deveriam permitir que mais Famílias Rurais pudessem ter acesso às condições necessárias a sua participação em mercados dinâmicos e promissores. Quando se fala da inserção das Famílias Rurais do Araraipe nos mercados, percebe-se que o problema não está na incapacidade delas mostrarem eficiência, mas no precário acesso as condições básicas que permitam uma melhor participação nesses mercados. Fusis? Por isso a necessidade da construção de Políticas Públicas específica para as Famílias Rurais em todos os níveis.

O Território do Araraipe pernambucano tem como principais atividades e produtos agropecuários, os seguintes: A pecuária - Caprino-ovinocultura e a Bovinocultura de Leite, e em pequena escala a Apicultura; na agricultura, as lavouras temporárias (feijão e milho), mandioca; com menor grau de produção o Sorgo, Algodão e Mamona, e em escala bem pequena, algumas frutícolas e olerícolas.

A bovinocultura de leite é explorada principalmente por grandes proprietários, na maioria, possuidores de grandes propriedades de terra e capital, os quais voltam parte da sua produção ao atendimento, principalmente, do mercado local através da venda direta de leite 'in natura'. A outra parte dessa produção atende o mercado regional e estadual, através do abastecimento das indústrias de laticínios. Essa produção possui um baixo nível de qualificação e de organização,

tendo como conseqüência produtos de pouca qualidade e de padrões variados, bem como baixa remuneração ao produtor.

As lavouras temporárias ou lavouras de sequeiros como ^é conhecida (feijão, milho, mandioca, sorgo, algodão e mamona), apresentam baixo nível tecnológico e pouca produtividade. Essa produção, com baixa agregação de valor, geralmente está voltada à subsistência. As culturas de milho e feijão, quando geram excedentes além da subsistência, geralmente são comercializados localmente a atravessadores e cerealistas. Os preços praticados no mercado local geralmente são inferiores aos dos grandes centros de comercialização de cereais, isto devido, em parte, a pouca organização dos produtores, a existência de um grande número com uma produção individual muito pequena, e a dispersão desses produtores; por outro lado pela presença de um verdadeiro "cartel" formado pelos compradores (atravessadores e cerealistas).

Em relação a caprino-ovinocultura, esta realidade vem mudando. Aos poucos as organizações produtivas, através do Fórum da Caprino-ovicultura, como instrumento que coordena/orienta a atuação dos caprinovinocultores e das entidades e instituições com foco na agropecuária rural desta região, a respalda como atividade predominante da Agricultura Familiar. Nestes últimos cinco anos, o Fórum vem desenvolvendo uma série de ações que visam à estruturação da cadeia produtiva; a integração e valorização de políticas públicas que se destinem a Agricultura Familiar. Esta orientação passa pela lógica de uma ação interinstitucional, onde possa qualificar o destino de recursos logísticos e financeiros com foco na caprino-ovinocultura, objetivando com isso, uma intervenção que capacite o homem do campo como sujeito responsável de sua própria mudança, da melhoria das condições ambientais e de suas relações com a sociedade.

Neste sentido, o Fórum busca organizar a atividade da caprino-ovinocultura como uma forma independente e autônoma de exploração pecuária, que guarda em si as condições de ampliar a produção no mercado agropecuário da região. Agregar tecnologias e relações de mercado ainda pouco existentes e dar visibilidade e valorização a um produto historicamente desprestigiado é um trabalho árduo e contínuo que o fórum enfrenta pela frente. Neste particular, privilegiando a caprino-ovinocultura, especificamente pelo potencial competitivo que possui, e ainda localmente, pelas condições de solo e flora desta região, a Caatinga, eleita como uma ^{das} melhores ambientes para a atividade. Assim, favorece sua inclusão e ampliação como produto no mercado interno e externo, com condições de criar um grande número de empregos diretos e

indiretos sem precedentes ~~antes~~ na história desta região. Concomitante a estas vantagens, a caprino-ovinocultura se debate internamente e ao longo do tempo, numa situação desfavorável.

Historicamente a caprino-ovinocultura, subordinada ao desenvolvimento da bovinocultura¹ de leite, fica condicionada ao espaço de mercado que a bovinocultura² lhe permitia participar. Na região, a estrutura técnica e sanitária foi organizada e consolidada para servir primordialmente à bovinocultura³ por razões anteriormente citadas. As organizações patronais com assento na bancada institucional são facultadas primeiramente à bovinocultura⁴. O crédito em maior valor e maior quantidade foi destinado privilegiadamente à bovinocultura⁵. Os governos municipais não só destinaram um lugar central para seus interesses como são ocupados por patronos ou filhos diletos da bovinocultura⁶. Prova disso é de que na região situa-se a quarta maior feira de animais do estado, que historicamente garantiu acumulação progressiva de lucratividade à bovinocultura⁷, a “famosa feira do gado”. Construção de uma estrutura privilegiada para feiras e exposições em vários municípios importantes. Vários órgãos como SENAR, IPA, ADAGRO, foram constituídos para atender a cultura bovina, como também para resguardar seus interesses.

Compreende-se que todo este privilégio construído se justifica na medida em que a bovinocultura foi à grande responsável pela interiorização do homem Nordeste. O desenvolvimento de outros produtos e práticas produtivas, o desdobramento da estrutura social, serviços e ofícios, culminando com a constituição da região como ente político e jurídico. Todavia observamos que as demandas sócias econômicas ao longo do tempo, sofreram mudanças profundas de ordem conjuntural e estrutural. A agropecuária da região encontra-se com políticas indefinidas, e é neste quadro que o Fórum da Caprino-ovinocultura quer imprimir seu papel. No apoio à valorização de uma atividade produtiva e a uma classe de produtores que desejam crescer economicamente, porém, com a definição de contornos sócio-econômicos diferenciados e dentro de novas demandas sócio-ambientais, que o mundo e a sociedade da região reclamam.

A fim de posicionar sua proposta, faz-se necessário uma análise da estruturação desta atividade, na região. Segundo dados do IBGE (2005) o rebanho efetivo na região conta com 187.032 cabeças, sendo 93.983 caprinos e 93.049 ovinos. A maior parte do rebanho está sendo produzido em basicamente 8.500 pequenas propriedades rurais, numa área definida entre 10 e menos de 100 hectares, por unidade rural. Estima-se um quantitativo médio em torno de 9.300 produtores na atividade, segundo diagnóstico do projeto Dom Helder Câmara. Na região, a atividade passou por algumas crises que resultou na redução do rebanho.

Quais ?
Quanto ?

No início da década, 2000, o rebanho efetivo de caprinos e ovinos contava com aproximadamente 200.000 cabeças. Esse efetivo rebaixou em 2003 para 130.982, vindo recuperar-se nos últimos três anos e se equiparar à marca anterior. Certamente o novo Senso Agropecuário do IBGE em 2007 irá constatar. Ao observarmos a tabela 1, a seguir, perceberemos uma preponderância do rebanho ovino em relação ao caprino, exceto em Santa Cruz, que em 2005 tinha um rebanho caprino superior ao ovino. Isso nos indica um processo de substituição do rebanho caprino pelo ovino, que cresceu substancialmente nesses três últimos anos. No entanto, há que se observar ainda um relativo equilíbrio em termos absolutos entre ambos os rebanhos, provavelmente a ser confirmado com os resultados finais do novo senso 2007.

Tabela 01 - Produção Agropecuária do Araripe.

<i>Municípios do Território do Araripe</i>	<i>Caprino</i>	<i>Ovinos</i>
Araripina	2.280	4.050
Bodocó	3.945	5.556
Exu	1.500	2.890
Granito	1.705	5.200
Ipubi	571	1.023
Moreilândia	4.653	6.584
Ouricuri	21.953	24.571
Santa Cruz	42.200	27.350
Santa Filomena	15.010	15.500
Trindade	165	325
Total	93.982	93.049

Fonte: IBGE – 2005.

Em média, são propriedades familiares, residindo entre cinco a sete pessoas, incluindo o proprietário (Anexo 02) do questionário de pesquisa. Nessas unidades familiares, destaca-se o modelo tradicional de exploração, baseada em monocultivos, com parte da vegetação nativa sendo devastada para o cultivo das lavouras temporárias. A atividade pecuária ainda num nível bastante rudimentar de contenção do rebanho, com currais de pau-a-pique. Ainda em termos estruturais, destacamos a situação hídrica, que compromete não só a pecuária, mas toda unidade familiar. Em média, as unidades familiares possuem um ou dois “barreiros”¹⁰. Desta maneira, é clarividente a falta de suprimento de água para os animais nas épocas de estiagens mais longas.

¹⁰ Barreiro – nome dado a pequenos reservatórios, geralmente construído sem muita tecnologia, próximo as casas dos agricultores familiares para captação de água no período das chuvas no Nordeste.

Também é quase inexistente o uso da mecanização nos processos produtivos, bem como o difícil acesso de transporte da produção.

Quanto ao padrão zootécnico do rebanho, verificamos que se trata de animais rústicos e resistentes, totalmente adaptados à caatinga nativa, constituindo-se majoritariamente de animais SRD (sem raça definida). O manejo desse rebanho é bastante empírico, sem muito controle reprodutivo, onde machos reprodutores e fêmeas matrizes são criados sem separação no manejo do pasto. Observa-se também que é corrente a prática criatória do ovino misturado com o caprino. Em termos de resultados zootécnicos ~~são persistes~~ os altos índices de mortalidade; o baixo rendimento de carcaça nos caprinos. No entanto, a produção leiteira ainda é relativamente satisfatória. Na comercialização constata-se a forma tradicional de venda do animal em pé (vivo), com pouca avaliação técnica, realizada em feira de bovinos ou feiras, especificamente de animais de pequeno porte, a exemplo das que o fórum coordena durante todo ano em alguns municípios do território. Exemplo disso, nas últimas edições, ocorreu uma verdadeira montagem especulativa dos intermediários contra os produtores desorganizados. Invariavelmente nas épocas de estiagem, o caprino ~~não~~ em pé, mal consegue alcançar o irrisório valor de R\$ 40,00/cabeça.

Este notável animal de pequeno porte com reconhecida capacidade produtiva e exploração mundialmente demonstrada, além dos requisitos técnicos já amplamente constatados (adaptação e resistência ao meio, alta fertilidade, etc.), propicia economicamente baixo custo e facilidade de manejo; produtos e subprodutos de grande aceitação popular; rentabilidade garantida e mercado interno e externo franco. Todavia, a forma como a atividade foi apropriada, ou seja, pelas classes dominantes e subordinadas no Nordeste, revela uma brutal inversão de seu valor econômico, tomado de maneira específica e independente, e que por sua vez se desdobra em um conjunto de particularidades potenciais a serem exploradas, que, na verdade, ficaram inibidas durante todo o tempo por esta forma de exploração tradicional.

Por exemplo, inicialmente se manifesta a relação econômica, onde os produtores no nordeste entendem o animal como poupança viva, não integrada na relação econômica direta de venda, como produto principal ou carro chefe de seu negócio, mas como elemento de escambo.^{escambo?} Em seguida, não está definido como o principal produto do negócio, não se rebate para o conjunto de sua organização produtiva. Esta relação econômica, fazendo com que o curral, a cerca, a porteira, os utensílios, a divisão interna da propriedade rural, os instrumentos de produção, etc., não se pareçam com um criatório de animais de pequeno porte; ou estejam

voltados para a pequena pecuária, mas todo o conjunto tem o perfil e as condições de produção de outra cultura, certamente a de grande porte, a da bovinocultura.

Observa-se que esta relação econômica também não se espria pelo contorno cultural e simbólico das comunidades caprino-ovinocultoras, quando não há festividades tradicionais celebrando o animal, não participa da poesia, da música, da dança e de outros universos artísticos e imaginários do homem. Quando raramente acontece, aparece de forma desprestigiada, no fazer diário da produção, os produtos derivados do caprino, especificamente, como o leite, por ser mais digestivo, menos gorduroso, tem um potencial atual e futuro de mercado maior que o leite bovino, porém não é assim estimulado a produzir; o licor e outras bebidas com grande variedade; o doce, a manteiga, o iogurte, as várias especiarias de queijo, os sabonetes, os cremes de pele, etc.

Quanto ao couro, várias oportunidades de negócio direto ou como complemento, na indústria têxtil, de calçados, no mobiliário residencial e de escritório, no artesanato, etc. Quanto à carne, vários produtos e subprodutos, cortes diferenciados, lingüiça, buxada, hamburgers, nugets, patês, kibs e etc. Muitos destes produtos podem ser estimulados sua produção dentro da casa do caprino-ovinocultor ou como produção paralela. Mesmo no espaço urbano é requerida uma estrutura de beneficiamento simplificada para produção desta diversidade.

No entanto, toda esta riqueza no Araripe ainda não foi inaugurada pela forma subordinada e sem estímulo econômico que se pratica a atividade. Deste modo, a caprino-ovinocultura funciona como "moeda trôco", quando nas épocas secas o animal é trocado em ração para ofertar ao gado bovino; nas feiras pela dívida mensal acumulada no mercadinho; na agência pela passagem do filho para tentar melhor sorte no sul do país; na concessionária para aquisição de motocicleta particular; na loja pelo vestido de festa da mulher e das crianças, no prato de comida para a proteína que a família precisa ou no armazém para a compra de inseticida para o plantio do feijão. Neste sentido, o produto jamais foi estimulado a receber o investimento e a administração necessária à sua evolução econômica, mas sempre recebeu o estímulo para ser o suporte econômico do negócio familiar ou o capital de giro da pequena propriedade.



2.2. Crédito

O crédito rural foi o grande catalisador e indutor da grande proposta modernizadora, para a qual se voltaram e se filiaram as estratégicas dos demais serviços agrícolas, públicos e privados. A condição de liderança do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) sobre as demais políticas

públicas, já estava determinada desde sua institucionalização¹¹. Contudo, podemos dizer que, o crédito sempre foi orientado de forma individual, com finalidade de produzir excedentes com base nos insumos modernos industrializados, sem haver uma preocupação com o tipo de insumo ou se era adequado a realidade daquele indivíduo/agricultor familiar. Existem três tipos de crédito: custeio, investimento, e comercialização. No custeio dar-se a partir da necessidade de sustentação do negócio, ou seja, da atividade, que sejam elas agrícolas ou agrárias; o segundo refere-se ao investimento, onde garante as instalações, veículos, equipamentos, etc.; por fim vem à comercialização que ao nosso entender é de extrema importância, pois atende às necessidades do agricultor quanto ao beneficiamento de seus produtos gerados para a comercialização.

Com a criação do Programa Nacional de Apoio à agricultura Familiar (PRONAF), criado em 28 de julho de 1996, e que teve suas normas consolidadas na resolução 2.310, de 29 de agosto de 1996¹², trouxe um caráter diferente compensador, fazendo oposição a outras políticas de créditos, onde já não davam conta do avanço da pobreza rural. Segundo Bastos (2006), este programa nasceu da luta histórica dos sindicatos rurais e de seus representantes a nível estadual e nacional, recebendo ainda, o apoio decisivo de instituições internacionais, como a Organização das Nações Unidas para agricultura e alimentação (FAO) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), cujas pressões foram mais importantes para o desfecho que o acúmulo de sucessivas experiências frustradas por parte dos trabalhadores.

Analisando todo este contexto, observamos que as Famílias Rurais do Araripe compõem unidades produtivas capazes de incorporar tecnologias importantes, e de participar de mercados dinâmicos, de operar de forma responsável com o crédito. As políticas públicas deveriam permitir que mais Famílias Rurais pudessem ter maior acesso, diante das condições necessárias a sua participação em mercados dinâmicos e promissores. Observamos também que alguns destes entraves já estão sendo resolvidos dentro do atual governo.

Para entender a lógica do crédito na região, precisamos entender/esclarecer de início, que o PRONAF não foi instalado com o interesse específico de atender a caprino-ovinocultura, porém, o PRONAF veio atender a uma demanda difusa de crédito para os pequenos agricultores

¹¹ BASTOS, Fernando. *Ambiente institucional no financiamento da agricultura familiar*. São Paulo: Polis; Campinas: CERES – Centro de Estudos Rurais do IFCH – UNICAMP, 2006.

¹² Segundo a versão oficial que o criou, adotou a gestão social como base de suas ações, entendida como “um modelo praticado com a participação majoritária e protagônica dos diferentes grupos sociais interessados na formulação, implantação, benefícios e impactos das ações de desenvolvimento patrocinados pelo programa” (BRASIL. MMA. SDR, 1996, p. 11).

familiares de toda região em diversas áreas produtivas. O atendimento às atividades foi conseqüente a esta demanda inicial. Perguntamos: Qual foi a metodologia, o normativo, a lei, a convenção que orientou o crédito às atividades específicas dos produtores? A nosso ver, nenhuma. Neste sentido precisa-se fazer um levantamento do histórico de instalação e funcionamento do crédito do PRONAF na ótica e no imaginário da Agricultura Familiar no território, o que não daria conta em um trabalho de monografia. Porque estão aí os elementos, as sementes da estratégia da AF em relação ao crédito, para atender as atividades específicas, dentre elas a Caprino-ovino. Isso pode ser feito rapidamente com questionário dirigido especificamente aos STRs da região. Como não temos estes elementos onde pudesse nos dar um retrato real desta realidade, conseguimos através do Banco do Nordeste do Brasil, os dados de contratação de crédito da atividade da caprino-ovino no território do Araripe do último ano.

Tabela 02 - Informações de Crédito do PRONAF – Araripe, período jan/2006 a Jul 2007.

<i>Municípios</i>	<i>Quant. Operação</i>	<i>Quant. Clientes</i>	<i>Valor Contratado (R\$)</i>	<i>Saldo Devedor (R\$)</i>	<i>Valor em Atraso (R\$)</i>	<i>% Contratado</i>
Araripina	305	295	1.146.826,80	1.128.932,00	2.009,58	97%
Bodocó	155	154	277.662,23	252.233,92	1.784,53	99%
Exu	32	32	355.232,63	231.264,77	3.818,21	100%
Granito	87	87	116.918,01	101.966,50	7.495,63	100%
Ipubi	60	60	76.047,50	73.373,41	0,00	100%
Moreilandia	18	18	86.086,44	81.530,99	1.772,84	100%
Ouricuri	186	179	484.980,94	446.435,13	1.925,87	96%
Santa Cruz	403	395	985.257,37	951.984,62	6.045,54	98%
Santa Filomena	932	873	2.252.839,59	2.237.696,88	752,37	94%
Trindade	33	33	43.858,74	41.239,29	0,00	100%
TOTAL	2211	2126	43.858,74	5.546.657,51	25.604,57	96%

FONTE: Banco do Nordeste do Brasil – 2007.

Neste quadro, iremos tentar mostrar um pouco sobre o caráter geral em que se encontra o crédito na região. Algumas sinalizações também estarão descritas mais adiante no terceiro capítulo deste trabalho. O fato é que o crédito se concentra no PRONAF C e B¹³. Podemos observar diante da realidade dada é que o crédito (C) para os produtores que possuem terra e (B) para os que não possuem, ou a possuem em pouca quantidade. Observa-se em geral que estes

¹³ PRONAF C e B – informações da agência do Banco do Nordeste de Ouricuri - PE

créditos não são orientados. Ou seja, não existe uma destinação técnica projetada dos recursos financeiros para aquilo que o produtor precisa. Não existe uma orientação geral, feita pela governança, lideranças, secretarias de agricultura ou outros, adequando-os às condições do mercado, ou às estratégias específicas dos produtores para qualquer mercado específico como: qual o animal a ser criado, qual o produto a ser destinado ao mercado, de que forma, o que agrega valor, o que não agrega etc. Nada disso fica claro e o que se percebe é uma intervenção no mercado pelo produtor, da maneira mais antiga e desorganizada possível. O produtor vai ao mercado, levam 2, 3 animais, sem raça definida de corte, no pêlo, sem peso definido e com objetivo de trocar por mantimentos e não por valor monetário, para sua reinversão na atividade. A estrutura produtiva e de contêncão não aponta para o criatório destes animais. Na verdade existe como eles dizem, o 'criame'¹⁴. A logística de escoamento do produto é amplamente dominada pelo atravessador. Os sindicatos e as Secretarias de Agricultura da região não têm políticas nem planos de organização produtiva da atividade. O animal e seus produtos não são referendados no imaginário, artístico, cultural, religioso, literário, como já citei anteriormente. As associações de modo geral não são da atividade e sim comunitárias. O caprino não foi ainda elevado a valor produzido ou produto de valor, para que através dele se faça negócio. O caprino é uma poupança não monetária, uma reserva de mercado não direcionada, mas sim um valor natural que, eventualmente se transforma em valor monetário. Creio que tudo isso tem um fundamento econômico. Ou seja, a agricultura familiar trata o animal desta forma para estrategicamente 'esconder' o valor do produto, a fim de reduzir seus custos de produção. Por outro lado esta estratégia dialoga com o caráter subordinado que o caprino tem em relação ao bovino, também ora já citado. O que deve aparecer é o boi, o animal de maior valor, o animal do patrão, o animal do curral, o animal grande, etc.

Quando olhamos amiúde para dentro do Território do Araripe, este problema do crédito se intensifica devido ao grande número de família que não possuem títulos de posse da terra, impedindo um maior potencial produtivo na região, onde apresenta uma relativa diversidade de culturas. Tudo isto faz com que o agricultor familiar do Araripe, fique impedido de participar mais na produção de alimento e na geração de emprego e renda local, pois segundo estudos do INCRA/FAO (1995/1996), mesmo recebendo menos investimento em termos de crédito, a agricultura familiar produz mais alimentos e gera mais renda e empregos. Outro fator importante

¹⁴ Termo usado pelos agricultores da região refere-se ao plantel, criatório, rebanho.

de ser lembrado é que a falta de assistência técnica, que colabora diretamente para que os agricultores e agricultoras não aumentem este acesso ao crédito.

Esta ausência tem rebatimento negativo no número de propostas técnicas e individuais e coletivas, elaboradas e encaminhadas às instituições financeiras, bem como não possibilita à implantação de projetos e propostas aprovadas. No geral a economia da região está baseada na produção de gesso, mandioca, bovino, caprino-ovino, e apicultura. A população economicamente ativa é de 97.505 habitantes, dos quais 85.958 estão ocupados nos seguintes setores produtivos: Agropecuária (50,1%) comércio e serviços (10,8%), indústria de transformação (8,4%), educação (5,6%). Os demais serviços chegam a 21,1% e estão distribuídos em outros setores, como administração pública, construção civil, transporte e armazenagem, serviços domésticos dentre outros.

Analisando os limites referentes ao crédito por parte das famílias de agricultores/as do Araripe, há também na região um potencial disponível, que no nosso entendimento precisa ser mais bem aproveitado, como é o caso das linhas de micro-crédito existentes nos Bancos do Nordeste e do Banco do Brasil, em forma de fundo rotativo, administrados pelas ONG's CAATINGA E CHAPADA. Além disto, foi criada recentemente uma cooperativa de crédito rural, dentro dos moldes da economia solidária (ECOSOL), que tem a finalidade de democratizar o acesso ao crédito e aos serviços financeiros e aumentar as relações de solidariedade entre as pessoas.

CAPÍTULO III

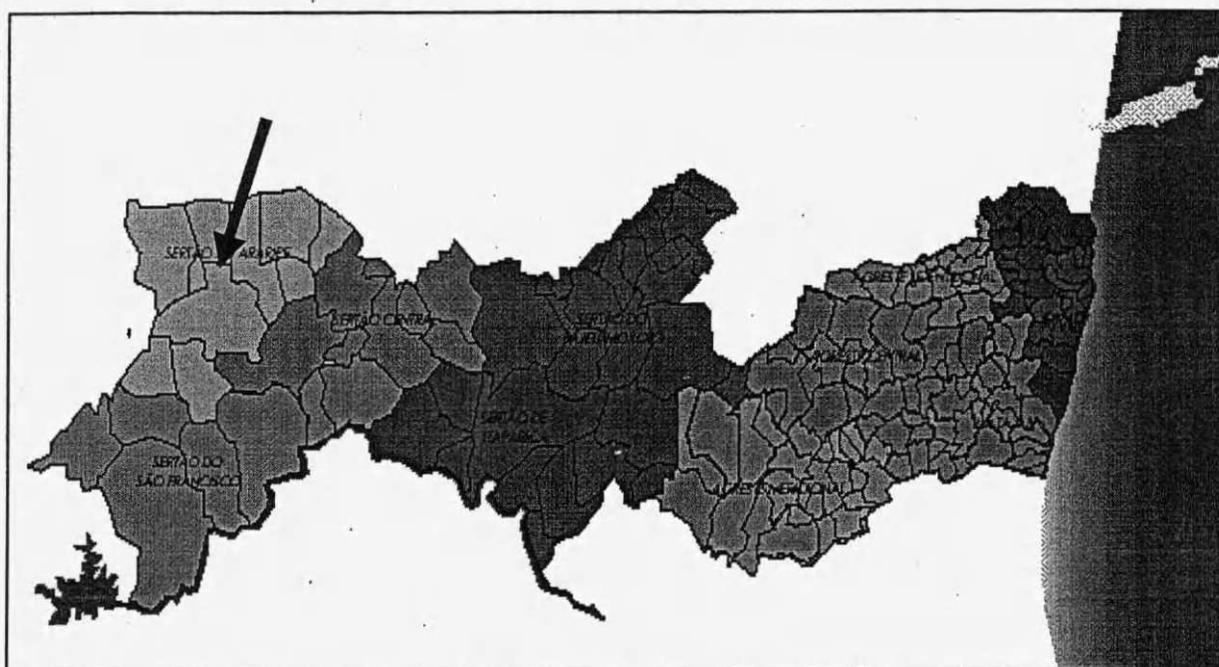
Neste capítulo, pretendo apresentar a caracterização territorial, abordando inicialmente os projetos territoriais em andamento, assim como, todos os arranjos produtivos locais, que envolve a agricultura familiar do território e os seus indicadores sociais. Em seguida trata-se da caracterização do território com enfoque nos municípios escolhidos para nortear nossa pesquisa de campo. É importante ressaltar que as informações e dados analisados neste capítulo foram coletados nos diferentes órgãos ligados de alguma forma ao território, a exemplo das Secretarias Municipais de Agricultura e de Saúde, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Projeto Dom Helder Câmara e as organizações governamentais e não governamentais de apoio à agricultura familiar.

1. Caracterização Territorial: Território do Araripe-PE

/ O território do Araripe é formado por dez municípios, e faz parte da região semi-Arida do nordeste, ocupando uma área de 35.994,3 km², localizados na porção mais ocidental de Pernambuco, fazendo fronteiras com Piauí e Ceará. A distância ^{medida?} entre os municípios e a capital é de 573,30 km, sendo Araripina o mais distante, a 620 km da capital e o mais próximo Moreilandia, a 516 km da Capital do estado. A população do território é de ordem de 276.970 habitantes, dos quais, formalmente 55,09 % estão em áreas rurais. Porém se for adotado o argumento de Jose Eli da Veiga (2001), que algumas famílias mesmo residindo na sede dos municípios, continuam exercendo atividades rurais, ~~portanto se consideramos~~, essa taxa, deve subir significadamente, caracterizando esses municípios como essencialmente rurais.

Desde 1993, quando o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) através da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) iniciou um processo de discussão sobre a Abordagem Territorial no Araripe, discutindo conceitos e metodologias, permitindo que os participantes compreendessem o território a partir de uma nova concepção, como um ambiente único, definido geograficamente, mas construído, a partir da sua identificação cultural. De modo bastante democrático e participativo foram discutidos os rumos do desenvolvimento sustentável, permitindo integrar-se a uma realidade econômica em todos os setores e tomar outras dimensões políticas do Araripe, principalmente nas áreas social e ambiental. Começando pelos limites, que são os problemas, e as possibilidades que são as potencialidades existentes, e prioridades de políticas públicas e ações /projetos a serem elaboradas pelo próprio território.

MAPA 1 - ESTADO DE PERNAMBUCO – REGIÃO DO ARARIPE



Os municípios que compõem o Território selecionado para intervenção do MDA, que também fazem parte da Região de Desenvolvimento utilizado como referência pelo Governo do Estado: Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade (Mapa 1 indicado). Em relação à instalação dos municípios do Território: Araripina -1928, Bodocó – 1924, Exu -1907, Granito -1963, Ipubi – 1958, Moreilândia -1963, **Ouricuri -1849**, Santa Cruz -1993, Santa Filomena -1997, Trindade -1963.

No território do Araripe o capital social é formado por interações entre instituições que integram a sociedade civil, órgãos públicos e privados que trabalham com a perspectiva de desenvolvimento sustentável; existindo importantes parcerias e articulações entre Estado e sociedade civil na elaboração e execução de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável da região.

Essa dinâmica da sociedade civil, associada à rede de relações sociais existente entre os atores confere ao Araripe um perfil bastante promissor, não apenas porque esse fator é necessário à democratização dos processos de planejamento e da execução de programas e projetos integrados no nível microrregional, mas também, porque favorece a replicabilidade de experiências bem sucedidas a nível local. A atuação de ONGs e dos movimentos sociais relacionados às lutas de trabalhadores rurais/agricultores (as) familiares propicia ao território uma boa capacidade de mobilização e de articulação.

O processo de articulação social em torno do desenvolvimento territorial tem se fortalecido a partir da atuação da SDT e do projeto Dom Helder Câmara. O Projeto Dom Helder Câmara atua no território, realizando projetos produtivos e sociais, tais ações propiciam a capacidade de articulação territorial dos atores, principalmente dos agricultores familiares, associações de pequenos produtores rurais, sindicatos e ONGs.

Focalizando os temas desenvolvidos pelas entidades acima citadas, identifica-se, desenvolvimento rural sustentável, convivência com o semi-árido, agricultura e pecuária agroecológica, desenvolvimento de cadeias produtivas e Arranjos Produtivos Locais - APLs, acesso a mercados, alternativas de infra-estrutura hídrica, educação contextualizada, relações de gênero, organização social, micro-crédito, adolescência e juventude, democratização do orçamento público, entre outros. A atuação da SDT neste território iniciou no ano de 2003 e neste processo tem contado com a participação das seguintes instituições e entidades do Estado e da sociedade civil, do qual apresenta o seguinte arranjo organizacional:

TABELA 03 - COMPOSIÇÃO DO FORUM TERRITORIAL – ARARIPE (FOTEAR).

<i>Movimentos Sociais / Organizações Produtivas</i>	<i>Organizações Sociais de Serviços</i>	<i>Instituições Governamentais</i>
01. Representante da FETAPE	01. Representante CAATINGA	01. Representante PDHC
10. Representante STR's	01. Representante CHAPADA	01. Representante IPA
01. Representante MPA	01 Representante Oásis do Brígida	01. Representante do Banco do Nordeste
01. Representante MST	01. Representante ONG Oásis do Araripe	01. Representante do Banco do Brasil
01. Representante SRO	01. Representante ONG NASCE	01. Representante da Caixa Econômica. Federal
10. Representantes de Assent. da Reforma Agrária	01. Representante CAATMA	05. Representantes do Consórcio de Prefeituras do
8 .Representantes dos CMDRS (Associações Rurais)	01. Representante Cooperação Semi-árido	05. Representantes da AMA – Assoc. Municipalista do Araripe
01. Representante Fórum Mandiocultura	01. representante SEBRAE	01. Representante AVA (Vereadores)
01 Representante Fórum Apis Araripe	01 representante Ecosol Araripe	01. Representante AEDA/ FACIÁGRA
01. Representante Fórum Caprino-ovino	01. representante Fórum Mulheres Araripe	
TOTAL - 35 (56,45%)	TOTAL - 10 (16,13%)	TOTAL - 17 (27,42%)

Fonte: FOTEAR/SDT

1.1 – PROJETOS TERRITORIAIS

Em 2003, ficou planejada a Construção de uma unidade de inseminação artificial em Ouricuri (caprinos e ovinos), Curtume artesanal em Santa Cruz (caprinos e ovinos), Equipamento para perfuração de poços rasos, implantação de unidades demonstrativas de uso de água de poços rasos, Bancos de Germoplasma (Mandioca), Equipamentos para cooperativa de crédito (ECOSOL/Ouricuri), Capacitações de Agricultores. Para 2004, ainda contemplando a caprinocultura ficaram definidos, ampliação e aquisição de máquinas para curtume artesanal (Santa Cruz), aquisição de conjunto de ensiladeiras, construção e instalação de casas de melapicultura em (Trindade e Ouricuri), instalação de apiário instrucional e, construção de fábrica de fécula – mandioca em (Bodocó), Continuidade das obras de Recursos hídricos (aquisição de trados e instalação de poços), mapeamento da produção artesanal do Território, Mandiocultura: Estudo para a potencialização da mandiocultura. Diante deste quadro que retrata a situação dos projetos territoriais em curso, podemos afirmar que de 2003 para cá, todos os recursos alocados para o território através da SDT, foram para complementar as ações dos anos anteriores.

O Fórum não tem conseguido monitorar o processo de tramitação dos projetos elaborados pelo Território, processo este gerenciado pela Secretaria de Produção Rural e Reforma Agrária (SPRRA), a Caixa Econômica Federal (CEF) e Ministério de Desenvolvimento Agrário/MDA.

A coordenação executiva considera que os atores sociais locais começam a reconhecer a importância do FOTEAR como um espaço de discussão sobre os rumos e processo de desenvolvimento do Território, interação de atores sociais e construção de arranjos institucionais para a elaboração, execução e avaliação do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS). Um fato positivo é que alguns atores sociais integrantes do Fórum adotam a abordagem territorial, como concepção e metodologia de ação; além disto, estabelecem parcerias visando à construção do desenvolvimento sustentável da região do Araripe. Quanto a chegada da SDT, na região já existia os Fóruns da Caprinovinocultura, Apicultura, constituindo articulações para o desenvolvimento estes Arranjos Produtivos. O Fórum estruturou os eixos temáticos baseados nas agendas 21 e Fórum DLIS.

Existe uma preocupação sobre o aproveitamento das potencialidades do Território, a gestão do Território e do próprio Fórum. Devido à importância sócio-econômica da agricultura familiar no Território, o Fórum tem debatido e elaborado projetos que visam o desenvolvimento da agricultura familiar especialmente quanto à diversificação agroecológica de culturas, beneficiamento e comercialização (acesso a mercados). Logo as discussões do Fórum estão focadas na Agricultura Familiar.

Apesar dos integrantes do FOTEAR apresentarem uma experiência histórica de participação em fóruns, conselhos, associações, ainda existe, uma visão corporativista, isto é, municipalista, que dificulta a integração e a elaboração de eixos estratégicos e de ações de caráter estruturadoras necessárias ao desenvolvimento do Território do Araripe.

1.2 - INDICADORES SOCIAIS

A tabela abaixo explicita que a maioria da população reside e trabalha na zona rural, havendo um equilíbrio entre o número de homens e mulheres. Na região do Araripe, em termos de área geográfica, o maior município é o de **Ouricuri** e o menor o de Trindade. Os municípios mais populosos são Araripina e Ouricuri. Por tanto, em termos de densidade demográfica Trindade é o que apresenta o maior índice e Santa Cruz o menor.

TABELA 04 - MUNICÍPIOS DO ARARIPE/ÁREA E POPULAÇÃO.

Município	Densid. Demogr.	Área (km ²)	População			População/Sexo	
			Total	Rural	Urbana	Feminina	Masculin
Araripina	36,90	1.914,4	70.592	36.020	34.572	34.602	35.990
Bodocó	19,80	1.604,9	31.712	22.414	9.298	15.746	15.966
Exu	21,60	1.500,3	32.417	20.914	11.503	16.358	16.059
Granito	11,70	519,7	6.104	4.500	1.604	3.082	3.022
Ipubi	23,90	972,1	23.210	9.636	13.574	11.808	11.402
Moreilândia	17,80	619,7	11.017	5.392	5.625	5.466	5.551
Ouricuri	23,80	2.383,9	56.623	30.053	26.570	28.546	28.077
Santa Cruz	7,90	1.432,1	11.252	8.398	2.854	5.595	5.657
Sta. Filomena	14,40	843,9	12.124	10.431	1.693	5.926	6.198
Trindade	95,60	229,3	21.919	4.740	17.179	11.152	10.767
TOTAL	273,40	12.020,3	276.970	152.498	124.472	138.281,00	138.689

FONTE: IBGE – Censo Demográfico de 2000 e FIDEM, 2001.

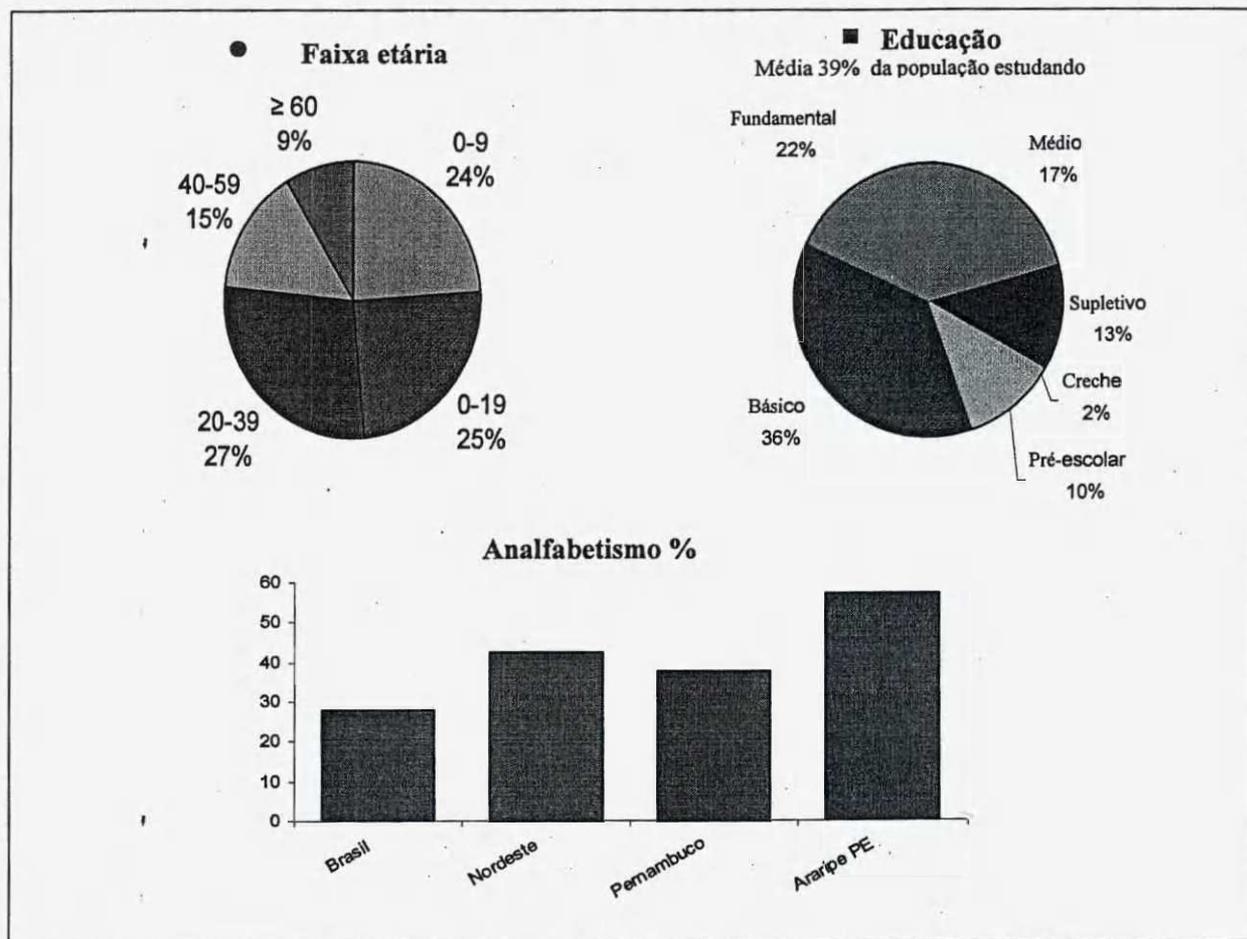
1.3 - EDUCAÇÃO

Somando o percentual de analfabetos no intervalo crianças de 10 a 14 anos e de adolescentes de 15 a 17 anos constatamos que os municípios que concentram o maior número de analfabetos são por grau de incidência: Ouricuri (42,98), Santa Cruz (38,76), Bodocó (37,88), Araripina (35,5), Ipubi (33,36), Trindade (31,71), Granito (31,54), Santa Filomena (31,42), Exu (28,07), Moreilândia (15,21).

Quando é analisado o percentual de pessoas de 15 anos ou mais com menos de 04 anos de estudo os municípios apresentam por grau de incidência a seguinte ordem Santa Filomena, Santa Cruz, Ipubi, Bodocó, Granito; Ouricuri, Exu, Moreilândia, Araripina e Trindade. Quanto à média de estudo das pessoas com mais de 25 anos os dados da tabela acima evidenciam denunciam um baixo índice de escolaridade da população com idade de 25 anos acima. Por fim estes dados revelam índices elevados de analfabetismo e baixo índice de escolaridade da população na região do Araripe, exigindo um esforço considerável do Estado e da sociedade para superação deste problema, segundo secretaria de educação do estado.

Alvino

GRÁFICO 01 - ASPECTOS SOCIOECONOMICO DA EDUCAÇÃO



Fonte: Secretaria de Educação do estado de Pernambuco.

O índice de Desenvolvimento Humano analisa as condições de vida de uma população, através de três indicadores renda, longevidade e educação. A longevidade utiliza números de expectativa de vida ao nascer. A educação é avaliada pelo índice de analfabetismo e pela taxa de matrícula em todos os níveis de ensino. A renda é mensurada pelo PIB per capita, em dólar PPC (paridade do poder de compra, que elimina as diferenças de custo de vida entre os países). Essas três dimensões têm a mesma importância no índice, que varia de **zero a um**.

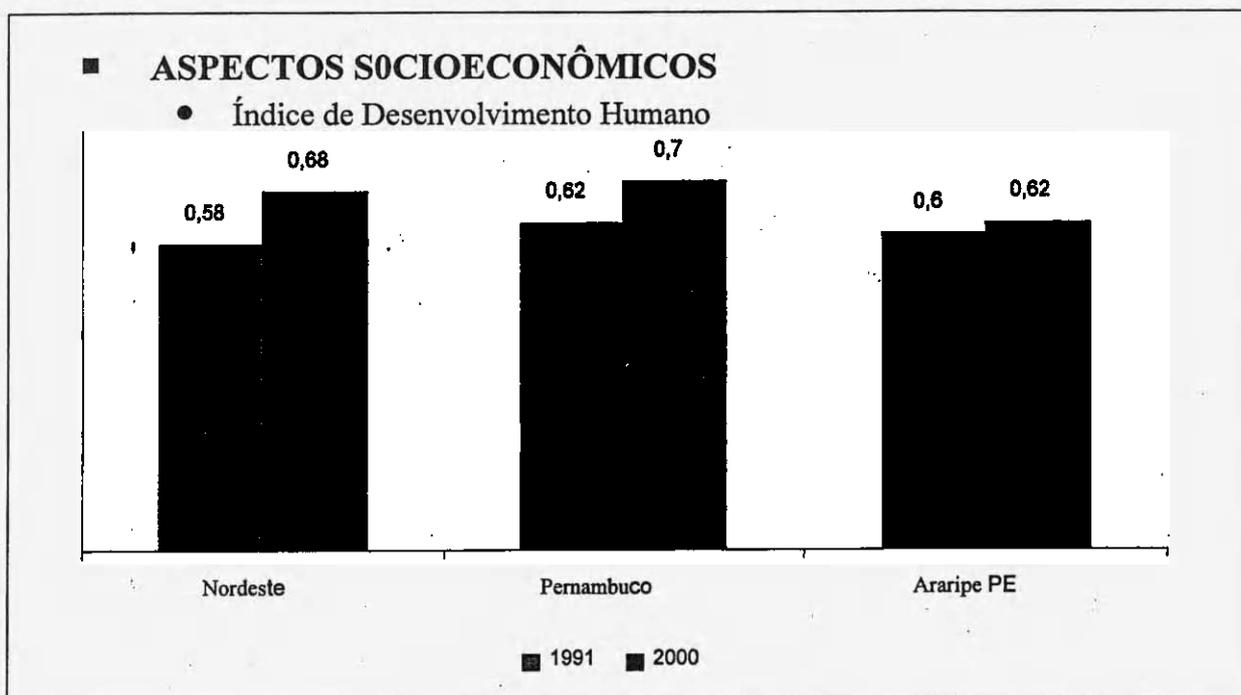
IDH ate 0,499 – Desenvolvimento Humano Baixo

IDH entre 0,500 e 0,799 – Desenvolvimento Humano Médio

IDH acima de 0,800 - Desenvolvimento Humano Alto

O IDH da região é 0,620 inferior ao de Pernambuco (0,692). Entre os municípios, os maiores índices são os de Araripina (0,650) e Trindade (0,641). Os de menores índices são Santa Cruz (0,579) e Santa Filomena (0,582). Embora a região apresente de uma maneira geral um índice de Desenvolvimento Humano Médio (0,620), há uma distância considerável do maior limite deste índice 0,799. Tal análise é confirmada pelos índices e análise do Quadro abaixo:

GRÁFICO 02 – PRESSÕES ECONÔMICAS, SOCIAIS E AMBIENTAIS



FONTE: IPEA/PNUD 2007 – Adaptado por FUPEF, 2007.

1.4 - AGRICULTURA FAMILIAR.

Uma característica forte do território do Araripe é a presença de minifúndios, em número significativo, onde o faz com uma estrutura fundiária mais desequilibrada. Mesmo assim dados oficiais (Fonte INCRA/FAO 2000) indicam que na região a agricultura familiar ocupava em 1995/1996, um total de 82.815 pessoas, que significa mais de 31 vezes o que ocupava a agricultura patronal 2.641 pessoas. Neste sentido, na região a agricultura possui uma grande importância econômica e social, na medida em que, garante trabalho e renda para grande parte da

população. Segundo dados do IBGE 2003 a região do Araripe é produtora de *culturas permanentes* como banana, castanha de caju, coco-da-baia, café, laranja e manga. Os *cultivos temporários principais* são feijão, milho, mandioca.

Na produção pecuária, há um destaque para a criação de bovinos, cabras, ovelhas, aves e abelhas, além dos produtos considerados derivados, como o leite de vaca, queijos, doces, ovos de galinha e mel. Esta diversidade de produtos agropecuários está relacionada às potencialidades exploradas pelos agricultores (as) familiares na região. Por outro lado, no Araripe a agricultura familiar apresenta grandes problemas relacionados a uma precária infra-estrutura física e social das comunidades rurais, precária infra-estrutura produtiva e hídrica, pouca disponibilidade de terra, ausência de título, pouco acesso ao crédito e aos mercados. Por fim a assistência técnica e as capacitações profissionais voltadas para o desenvolvimento agropecuário das propriedades e setor de beneficiamento não suprem a demanda real e potencial existente, como já citamos anteriormente.

No território, ~~existem~~ seis (06) dos dez municípios apresentam assentamentos da Reforma Agrária, abrigando um total de 334 famílias, sendo dois desses assentamentos da responsabilidade do Governo Estadual e um do INCRA. Os demais são de responsabilidade do FUNTEPE e crédito fundiário, Esses dados reforçam a análise de que o processo de reforma agrária no Território do Araripe é uma iniciativa recente, existindo possibilidades de ampliação do número de assentamentos.

Pelos dados recentes dos números de acampamentos dos 10 municípios, cinco não apresentam este tipo de organização social, porém os municípios que já existem assentados têm uma forte tendência neste tipo de organização. A realidade permite a leitura de que, as lutas pela titulação e posse da terra são recentes ainda por aqui.

A Reforma agrária é uma política social voltada para as populações sem terra. Exige políticas públicas integradas que possibilite o acesso a terra com infra-estrutura física e social adequada, além de acesso ao crédito e a assistência técnica rural permanente. Nesse sentido amplo, a reforma agrária é uma intervenção governamental cuja dimensão e cujo formato deve estar condicionado às necessidades, problemas, potencialidades e níveis de organização social de cada localidade, sob o risco de não se alcançar os resultados ambientais, econômicos, sociais e políticos propostos.

1.5 - ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

Os Arranjos Produtivos Locais podem ser vistos como uma aglomeração de atividades econômicas e ou empresas (micro, pequeno, médio ou grande porte) que possuem uma mesma especialização produtiva. Localizam-se espacialmente em um território e atuam em torno de uma atividade econômica principal. Neste sentido nos APLs a dimensão econômica é constitutiva e fundamental, da mesma forma que o processo de interdependência e articulação entre os agentes produtivos, podendo inclusive haver atuação em forma de rede e ou associativa.

Cada arranjo possui um ambiente e dinâmica interna e externa de funcionamento próprio. Neste sentido os principais desafios para o desenvolvimento dos APLs são a sua sustentabilidade ambiental, econômica e social assim como a inserção e competitividade no mercado, visando à promoção de um ambiente de inclusão econômica e social. Busca-se aumentar a competitividade dos APLs a partir das demandas e potencialidades do mercado, para tal dependem das condições políticas e institucionais em que estão inseridos.

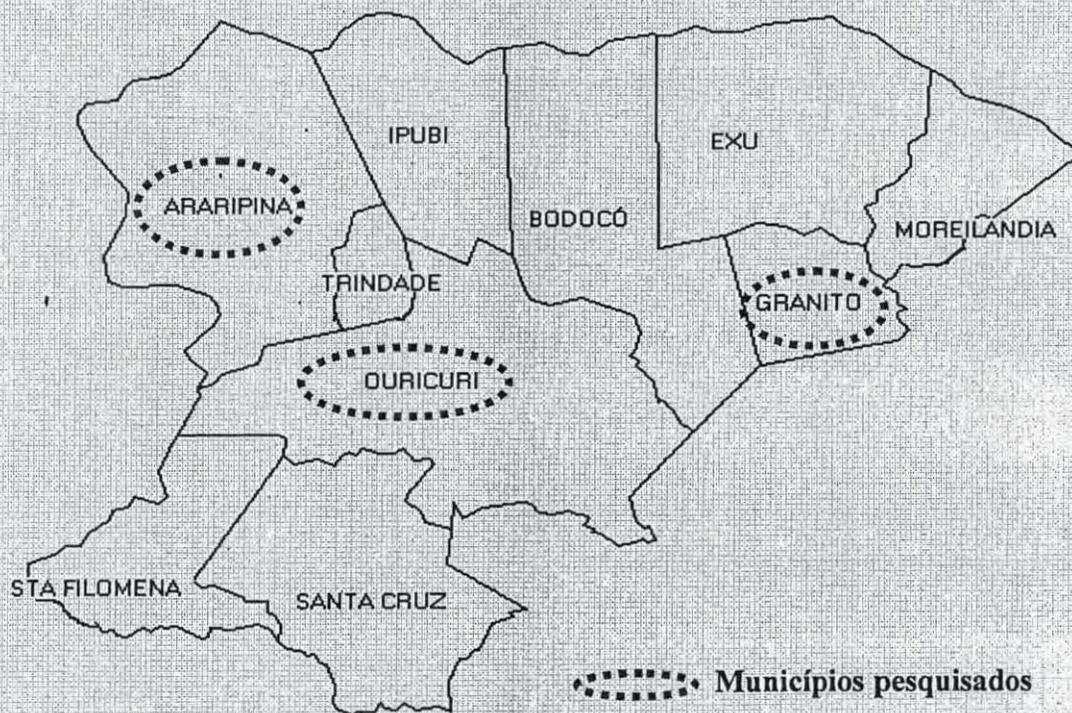
→ Tais condições referem-se à análise dos recursos naturais que utilizam, infra-estrutura existente, o capital humano e social, os níveis de cultura empreendedora, as potencialidades, oportunidades, vantagens competitivas e, sobretudo a rede de atores sociais que institui o(s) arranjo(s) nos territórios como unidades de desenvolvimento orientando-os a uma inserção competitiva, vantajosa e sustentável no mercado.

O compromisso e protagonismo destes atores locais em promoverem e estimularem o desenvolvimento dos territórios e APLs neles inseridos, trazem como resultado o desenvolvimento endógeno do território integrado a uma economia globalizada.

→ Atualmente no Território do Araripe os APLs principais e que mais apresentam potencial de desenvolvimento agropecuário são a caprino-ovinocultura, mandiocultura e apicultura, além da bovinocultura, gesso, mamona e turismo rural, que possivelmente serão também discutidos como arranjos produtivos importantes para impulsionar a economia local.

2. Caracterização territorial – enfoque nos municípios escolhidos

MAPA 02 – Território do Araribe - PE



2.1 OURICURI

Na introdução deste trabalho, foram colocados os critérios pelos quais estes três municípios (Ouricuri, Granito e Araripina), fossem escolhidos como ambiente de pesquisa, definidos através de critérios que dessem conta de responder aquilo que estamos buscando neste trabalho de monografia, que é a caprino-ovinocultura: limites e possibilidades, analisando em que medida a agricultura familiar contribui para integrar-se de forma sustentável na cadeia produtiva da caprino-ovino.

Também buscaremos delinear o perfil da Agricultura Familiar nos municípios, por meio de suas estratégias de produção, beneficiamento e comercialização, das comunidades tradicionais

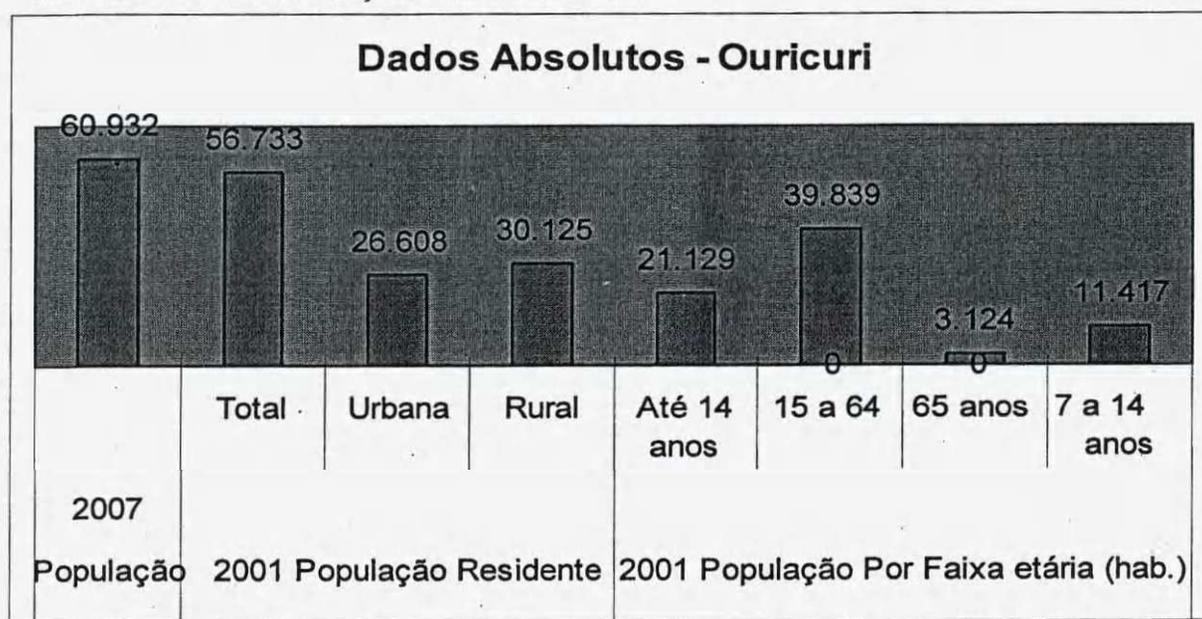
(agricultores familiares), no intuito de levantar subsídios para responder a nossa hipótese desta presente monografia.

O município de **Ouricuri** faz parte do território do Araripe e se destaca na região, primeiro pela sua localização geográfica, como mostra mapa acima, segundo por ser o mais antigo do território, criado em 1849, o qual denominou de cidade mãe, onde originou os outros municípios com exceção de Moreilandia e Granito, que tiveram sua origem de Serrita – cidade do sertão central.

Podemos também observar que este município é de predominância rural, onde sua economia depende das atividades agropecuárias, como delinea os gráficos a seguir:

ANÁLISE DE DADOS SECUNDÁRIO/ IBGE – NOS MUNICÍPIOS

GRÁFICO 03 - POPULAÇÃO DE OURICURI.

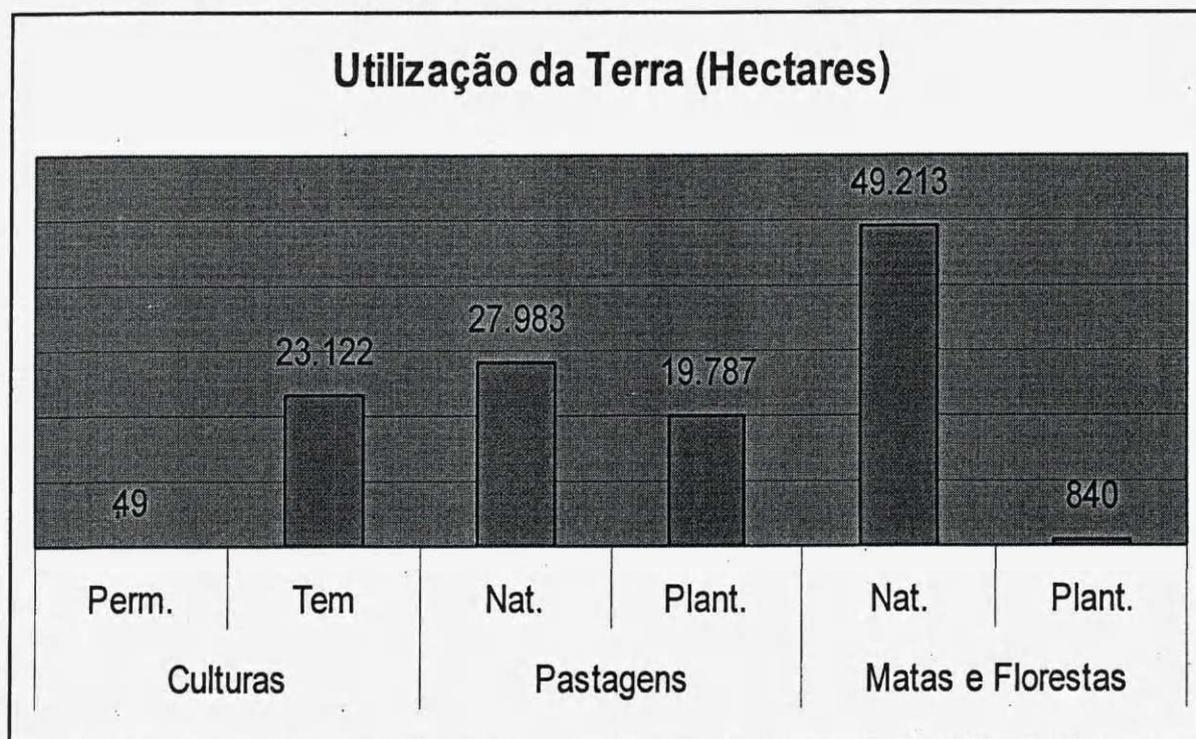


Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária.

Na tabela acima mostra o município de Ouricuri, onde há uma predominância de pessoas que residem na área rural, o que reforça o entendimento de toda a história deste território. Outro elemento importante que não poderíamos deixar de chamar atenção neste trabalho é a importância do percentual de mata nativa(mata preservada), que resta no município de quase

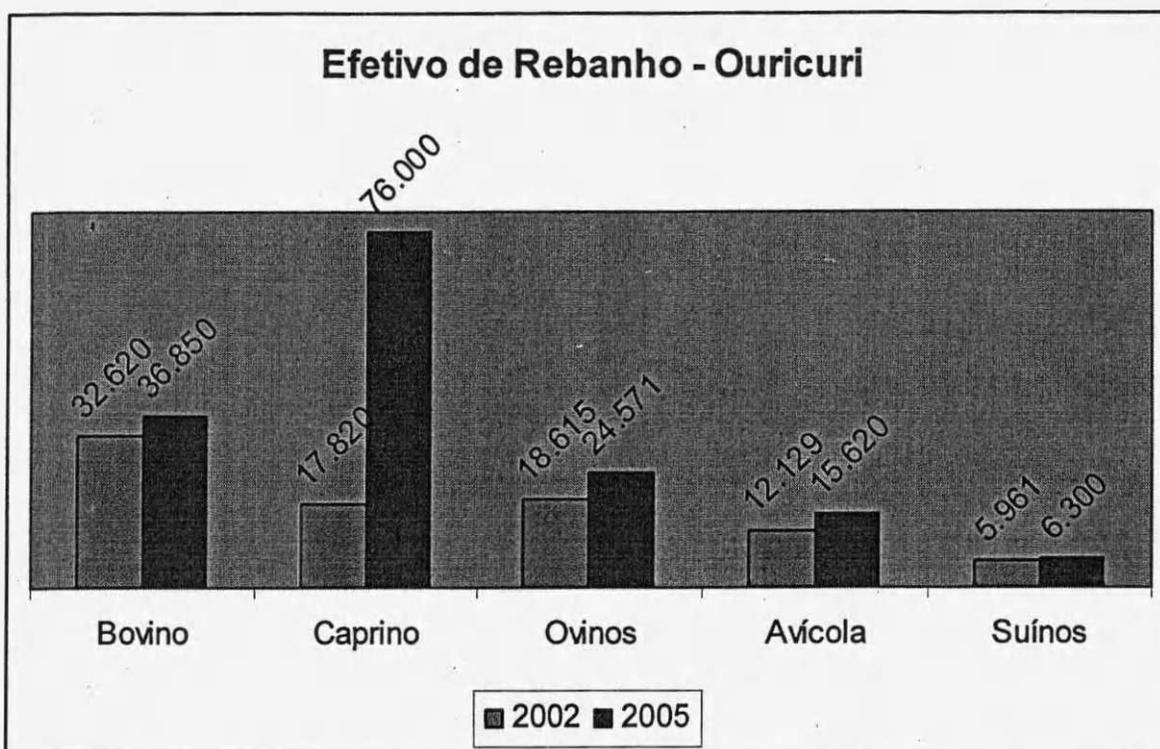
50% de seu total; Ouricuri faz parte do pólo gesseiro do Araripe, onde a matriz energética que alimenta todo complexo industrial é a lenha. Outro destaque fica com o rebanho caprino que é visível no quadro geral da tabela nº 01, a substituição que estes animais vêm sofrendo em detrimento do ovino, tudo isto está diretamente ligada à cultura da região que sempre foi de criar bovino, como também já foi citado na introdução deste trabalho, sabendo que os ovinos têm hábitos alimentar e de manejo semelhante aos bovinos. Neste gráfico abaixo (05), podemos observar que no município de Ouricuri, em termos de pecuária, o caprino tem o seu lugar de destaque, mesmo se tratando de um município que faz parte da segunda maior bacia leiteira do estado de Pernambuco e a primeira do sertão.

UTILIZAÇÃO DA TERRA, CULTURAS, PASTAGENS, MATAS E FLORESTAS
GRAFICO 04 – OURICURI:



Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária.

GRAFICO 05 – PRODUÇÃO PECUÁRIA/ OURICURI.



Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária

2.2 ARARIPINA

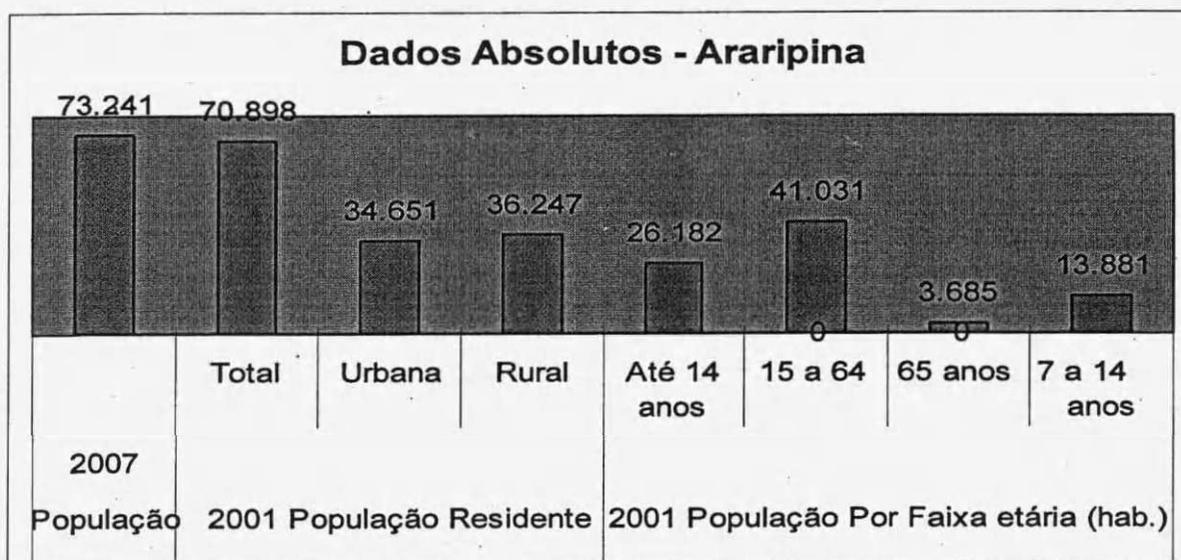
Araripina é o segundo maior município em área geografia do Araripe (1.914,40Km²), consta com uma população de 73.241 habitantes, este município recebe também um grande destaque, pelo seu potencial na área de extração de minérios (gipsita), do qual concentra um número muito grande de indústrias ligado ao setor gesseiro. É claro observar no gráfico abaixo (07), onde mostra a utilização da terra/hectare, o nível de desmatamento para utilização principalmente da lenha¹⁵, matriz energética responsável pelo setor gesseiro da região.

O município recebe uma influencia muito forte da chapada do Araripe, o que a favorece nas atividades do setor rural, através das águas e de terras de chapada. A caprino-ovinocultura, ainda não tem um grande destaque, porém os melhores animais de valor genético se concentram por aqui, possibilitando assim, olhares de investidores, ligados ao setor produtivo do caprino-

¹⁵ LENHA – Denominação aplicada à madeira picada ou dobrada em pedaços, para ser queimada ou transformada em carvão.

ovino e garantindo o fortalecimento da atividade, através da criação de duas associações produtivas, que recebem investimento e assistência técnica do SEBRAE e CODEVASF, ONG CHAPADA, da qual escolhemos uma delas (ACOAR) para nos dar subsídios durante a pesquisa de campo deste referido trabalho, que mais adiante iremos descrevê-la em detalhe, perfil, histórico.

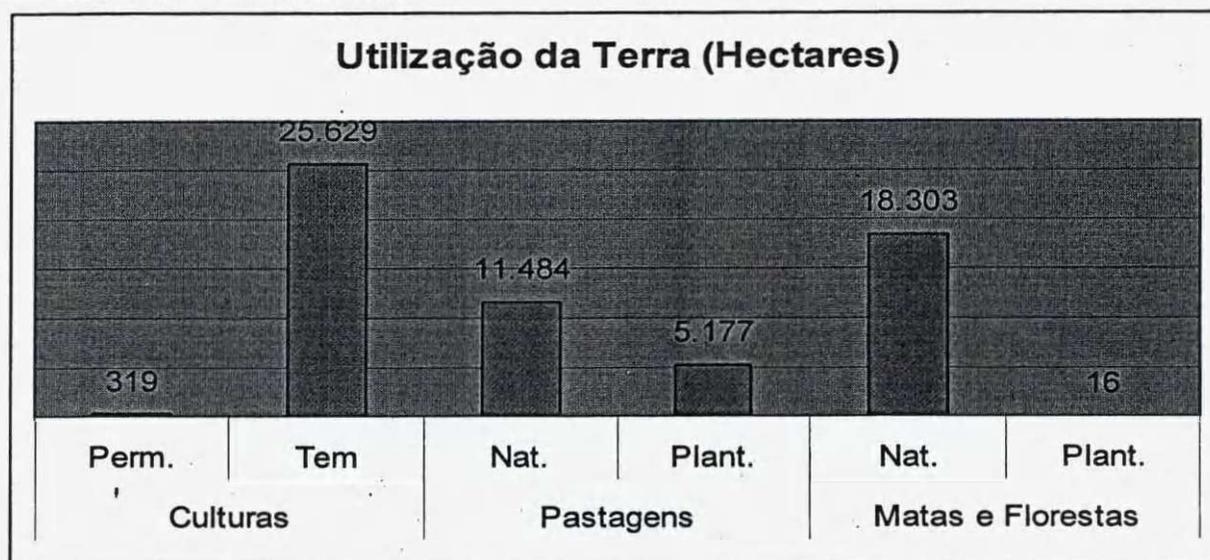
GRAFICO 06 - POPULAÇÃO DE ARARIPINA.



FONTE: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária

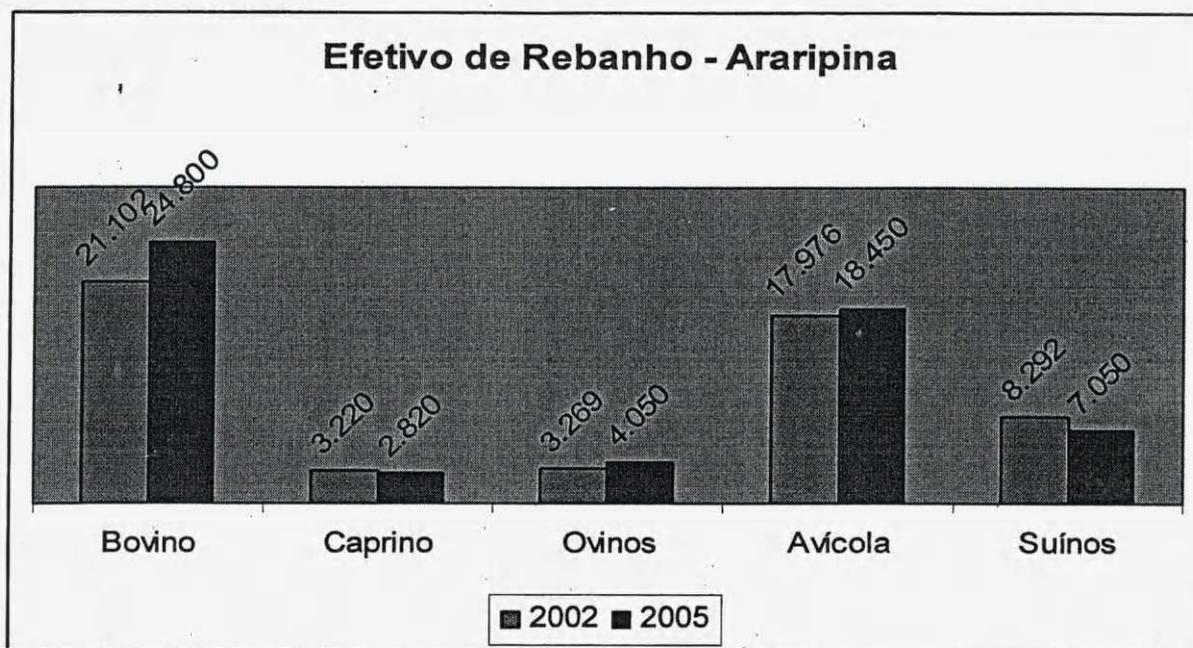
UTILIZAÇÃO DA TERRA, CULTURAS, PASTAGENS, MATAS E FLORESTAS

GRAFICO 07 – ARARRIPINA.



FONTE: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária.

GRAFICO 08 – PRODUÇÃO PECUÁRIA/ ARARIPINA.

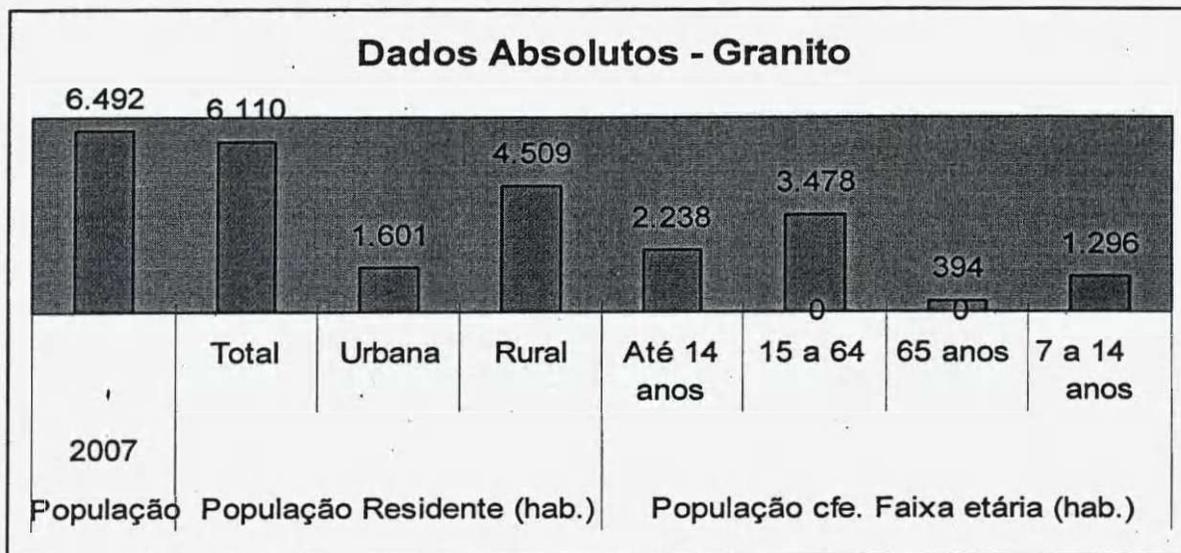


FONTE: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária.

2.3 GRANITO

Granito fica ao extremo leste do território, banhado pelo rio Brígida, importante afluente do rio São Francisco, é o menor dos três municípios que serviram como referência para nossa pesquisa, apresenta-se numa área de 519,70 Km², onde possui uma população essencialmente rural, como mostra o gráfico (09), oferecendo dados que ilustra a situação descrita deste município. Na produção pecuária há um forte destaque para a criação de ovinos, tendo ainda a bovinocultura como uma forte concorrente. Do lado dos aspectos favoráveis, este município, encontra-se desenvolvendo importantes projetos produtivos, com instalação de infra-estruturas, na área da ovinocultura que descreveremos mais adiante no capítulo três deste trabalho, em detalhe. Granito vem se destacando na região como o município que mais vem atraindo recursos, através de projetos estruturantes nas áreas produtivas e sociais, com ações que vem criando desdobramento e visibilidade dentro do território, favorecendo e fortalecendo as organizações locais e comunitárias, partindo sempre do pressuposto das iniciativas já em andamento.

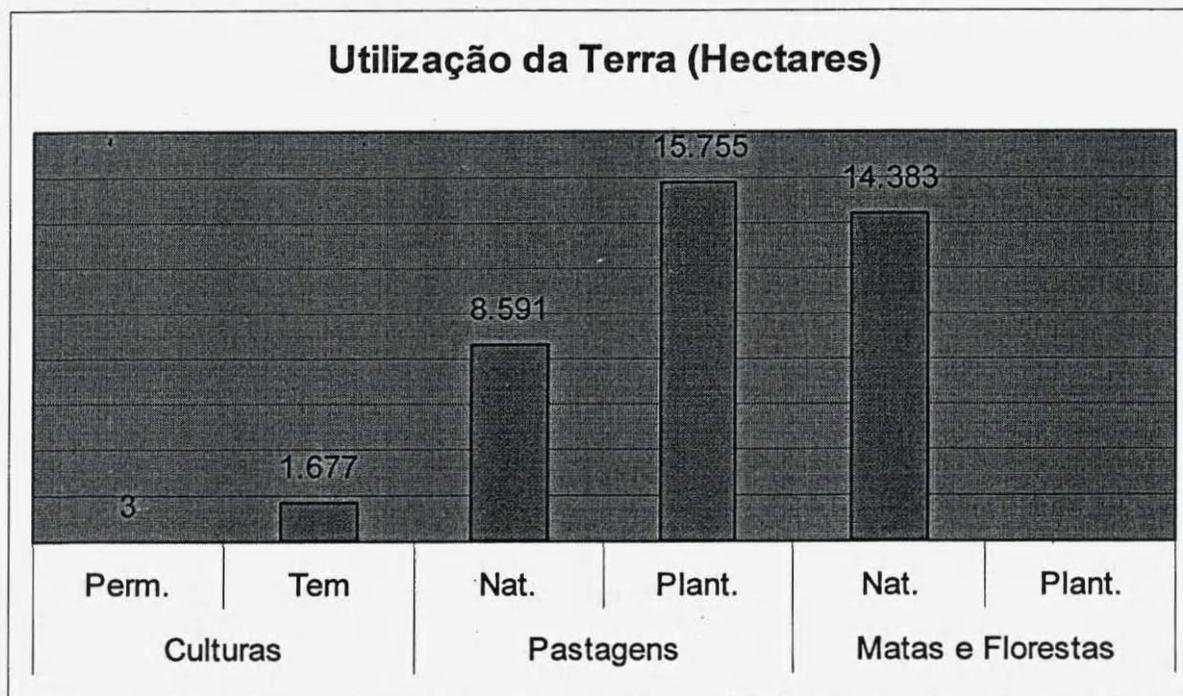
GRAFICO 09 – POPULAÇÃO DE GRANITO.



FONTE: IBGE Cidades – População e Domicílios 2001; População 2007.

UTILIZAÇÃO DA TERRA, CULTURAS, PASTAGENS, MATAS E FLORESTAS

GRAFICO – 10 - GRANITO



FONTE: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária.

GRAFICO 11 – PRODUÇÃO PECUARIA/ GRANITO.



FONTE: IBGE - Censo Agropecuário 1996/ Cidades – Produção Pecuária.

Ao analisarmos os dados secundários, ficou claro o entendimento já citado na introdução em que no território do Araripe 55,9% de toda sua população trabalha e reside na zona rural, ou seja, a sua economia está centrada nas atividades do campo. Outro elemento forte que não podemos deixar de destacar é a equidade relacionada ao número de Homens e Mulheres, apenas com uma pequena diferença, para os Homens, conforme pode ser visto (tabela 04), deste trabalho.

CAPÍTULO IV

Neste capítulo apresentam-se os dados coletados da pesquisa de campo, realizado em quatro ambientes institucional (as associações), das quais foram entrevistados 21%, dentro de um universo de 194 sócios. Com isto, pretende-se explorar os limites e as possibilidades que a atividade da caprino-ovinocultura exerce na vida dos agricultores e agricultoras familiares do território do Araripe.

A principal intenção, foi o de analisar em que medida a organização da agricultura familiar do Araripe pretende interar-se de forma sustentável na atividade da caprino-ovinocultura, tomando por base a ferramenta da organização. Percebemos que, apesar desta atividade garantir o sustento de milhares de famílias agricultoras desta região, por uma série de fatores citados anteriormente, verificamos ainda que seja preciso romper vários "gargalos" no que diz respeito à atividade como um todo.

A seguir, serão descritas as interações lógicas e desejáveis entre os principais elos da cadeia produtiva da caprino-ocinocultura e sua relação com o mercado, ou seja, produção, pecuária, abate e beneficiamento e o sistema de distribuição (atacado e varejo). Podemos observar, a princípio, que a atividade apresenta uma baixa lucratividade, isto devido a pouca organização da cadeia como um todo; falta aos atores deste seguimento uma visão sistêmica. Observamos ainda que a ausência de informações tecnológicas, gerenciais e de mercado, falta de credibilidade e confiabilidade, além do excessivo individualismo, são fatores que concorrem para a baixa competitividade e, conseqüentemente comprometendo a sustentabilidade da cadeia como um todo.

Portanto, esta seção retrata que a caprino-ovinocultura, ainda tem um potencial muito grande a ser explorado pelos agricultores familiares do Araripe Pernambucano, assim como, uma série de desafios que precisam ser vencidos, por estes pequenos empresários rurais, que por sua vez carecem do apoio do crédito rural em condições diferenciadas de outras regiões do País, por apresentar também aspectos diferentes inerentes à atividade.

1. Resultados da pesquisa de campo: procedimento metodológico

Os municípios escolhidos como ambiente de estudo durante a pesquisa, obedeceram ao seguinte critério: Ouricuri (ACOCAMA) e grupo de mulheres/homens da agrovila, Granito (ACOCAG), Araripina (ACOAR), foram escolhidos pela forte articulação e atuação dentro do seguimento que as representam.

A nossa pesquisa foi norteada a partir dos limites e possibilidades do arranjo organizacional da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura, onde foi possível analisar se este arranjo contribui com a interação sustentável da cadeia produtiva em questão. Todos estes elementos foram analisados a partir de uma metodologia de pesquisa que abrangeu quatro etapas:

1. Informações que dessem conta de traçar o perfil socioeconômico destes municípios e informações de órgãos oficiais (BANCOS, SEBRAE, PDHC, STRs e, ONGs), assim como, órgãos que presta na região algum tipo de acessória técnica;

2. Contato com todos os "atores sociais", principalmente com os representantes do fórum da caprino-ovinocultura, para isto foi elaborado um roteiro de entrevista (anexo 1);

3. Levantamento de dados junto as comunidades/associações selecionadas, através de um questionário padrão, onde pode contemplar um grande número de sócio (anexo 2).

4. Por fim, achamos interessante reunir alguns integrantes do fórum da caprino-ovinocultura para um debate, onde foi possível fazer um confronto com o que havíamos descrito à respeito da atividade no Território do Araripe.

Durante a coleta de informações junto às unidades agrícolas familiares, privilegiou a participação do maior número de membros do grupo familiar (Homens, mulheres e jovens), de maneira a formar o mais amplo conjunto de informações.

O preenchimento do questionário (anexo 02), teve uma duração média de 20 minutos ^{pr} unidade familiar visitada, o roteiro das entrevistas em média 30 minutos(anexo 01), o debate com os integrantes do fórum da caprino-ovinocultura, duas horas. Além disso, muitas unidades foram posteriormente visitadas, no sentido de ampliar o leque de informações, observações relativas à atividade da caprino-ovinocultura, não contempladas pelas entrevistas. Buscou-se desta forma, entender a dinâmica dessa atividade produtiva, capaz de auxiliar nos critérios de análise dos resultados.

2. CARACTERIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES PESQUISADAS – As associações

Nos capítulos um e dois deste trabalho definimos território, enquanto espaço geográfico, político e de gestão que permite integrar uma realidade econômica multissetorial, a uma estratégia de consolidação da agricultura familiar, através de critérios gerais orientados pela SDT- Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Tentamos também delinear o perfil da agricultura familiar do Araripe, principalmente nos municípios que foi possível nortear toda a nossa pesquisa (Ouricuri, Granito e Araripina), por meio de suas estratégias de produção, beneficiamento e comercialização destas localidades tradicionais da agricultura familiar.

2.1 - ACOCAMA

O primeiro município a ser estudado foi o de Ouricuri, por ser o mais estratégico geograficamente e por apresentar dois grupos de agricultores e agricultoras (ACOCAMA e grupo da Agrovila/mulheres), capazes de acreditar que é possível mudar a realidade, a cara, o cenário desta região, se trabalhar organizados e planejados.

No ano de 2000, foi criado em Ouricuri por meio de um pequeno grupo de 11 jovens, filhos de agricultores familiares e criadores de caprinos e ovinos, a ACOCAMA – Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos da micro Região do Araripe. A formalização desta associação teve o apoio do SEBRAE que já tinha um importante trabalho na área da caprinocultura, possibilitando e favorecendo assim sua institucionalização. Desde sua criação que a ACOCAMA vem crescendo e recebendo apoio de vários órgãos que trabalham na região no sentido de melhorar a qualidade de vida destes criadores, e fazendo com que a caprino-ovinocultura tenha seu merecido lugar.

A ACOCAMA é responsável pela realização de várias feiras de caprinos e ovinos, realizadas em vários municípios do território, durante todo ano. Conta com o apoio da FAEPE e SEBRAE, Secretarias de agricultura dos municípios, Banco do Nordeste, ONGs e outros. As feiras têm uma relevante importância na economia local e regional, além de incentivar os criadores a melhorarem seus rebanhos, através de cursos que são ministrados durante a realização destas feiras pelo SEBRAE e SENAR. Tudo isto só foi possível devido à articulação interinstitucional que esta associação foi capaz de criar, estabelecendo uma relação de confiança nestes últimos sete anos de sua existência e trabalho com seus parceiros.

Hoje, a ACOCAMA tem um número de 111 associados e trabalha regionalmente, assumindo uma "certa liderança" sobre as demais associações produtivas do território, faz parte do fórum territorial- FOTEAR. As feiras realizadas todo ano, coordenado por este grupo, eles estão à frente de um projeto junto a CONAB através do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), onde favorece dois municípios do Araripe (Ouricuri e Sta Cruz), utilizando estes produtos da caprinocultura para a merenda escolar, envolvendo 120 Famílias de agricultores diretamente e de forma indireta mais de 360 pessoas, neste primeiro ano.

O projeto pretende ser ampliado para todo território, onde irá beneficiar 564 criadores de forma direta. Este projeto tem como objetivo principal, a criação de uma rede regional de comercialização dos produtos básicos da agricultura familiar (mandioca, carne de caprino/ovino e mel de abelha), possibilitando a integração destas outras cadeias produtivas, que também tem uma grande importância histórica e econômica para o desenvolvimento da região e para as famílias agricultoras deste território.

Este projeto terá ainda a função de dinamizar o comércio e distribuição destes produtos que de costume, encontram dificuldade de distribuição, nas condições precárias e aviltantes das feiras livres, além da presença intermitente e onerosa do intermediário/atravessador. Avaliamos que este projeto estimula o aumento do consumo dos produtos da pequena propriedade local junto ao público da faixa etária infantil, adulta e idosa;

O projeto terá um caráter regional, como ampliação do projeto de carne caprina aprovado pela CONAB e em funcionamento em Ouricuri e Santa Cruz, onde estabelece um fluxo dinâmico de produção e lucratividade para o pequeno produtor rural, estabilizando e consolidando o mercado das três principais cadeias produtivas da região (caprino-ovinocultura mandiocultura e apicultura); e de todos os outros municípios do território que ainda não estão sendo contemplados

nesta primeira fase já em execução. Por outro lado fortalece a vinculação dos produtores rurais com seus instrumentos de organização que são as associações de produtores da área rural destes municípios.

Colocando em funcionamento um amplo sistema regional de atendimento alimentar, com produtos nativos, para um contingente considerável de pessoas carentes, atraindo a atenção das lideranças e instituições públicas para esta prioridade.

2.2 - GRUPO DA AGROVILA

Este grupo é composto por 20 pessoas, que se uniram no intuito de desenvolver a atividade da caprinocultura, avaliando seu potencial e as facilidades de manejo, diante das adversidades impostas pela natureza. São pessoas oriundas de associações comunitárias e que já tem algum tipo de experiência em conjunto. Enquanto grupo, encontram-se ainda na informalidade, mas com o objetivo de mais adiante regularizarem sua situação, para atuarem como associação produtiva, e juntamente com outras comunidades vizinhas entrarem para o Plano de Aquisição de alimentos - PAA do Governo federal, junto a CONAB, projeto este que já se encontra em funcionamento no território, com possibilidade de ampliação em 2008, coordenado pela ACOCAMA.

Com o apoio da ONG Caatinga, na orientação técnica e constante, é possível comercializarem seus produtos na cidade de ouricuri, em um ponto de venda, disponível para a agricultura familiar chamado de EMPÓRIO KAETEH, onde são comercializados vários produtos agros ecológicos oriundos da agricultura familiar. A comercialização dos produtos deste grupo tem uma importância muito grande e forte dentro do armazém, pela praticidade e qualidade (cortes especiais na carne, embutidos, lingüiça, hambúrguer), utilizando um diferencial, que vai do corte à embalagem reciclada, possibilitando maior praticidade ao consumidor final.

2.3 - ACOCAG

A Associação de Criadores de Caprinos e Ovinos de Granito - ACOCAG, criada em 2002 por um pequeno grupo de ovinocultores do município de Granito, conta hoje com um total de 25 sócios atuantes, do qual possuem um plantel de 1.750 animais ovinos das raças Santa Inês e sem raça definida (SRD). São responsáveis pela comercialização de 1.400kg de carne/mês, para

atender a merenda escolar municipal (800 kg), e o restante comercializado em um ponto de venda instalado no centro da cidade, com gerencia e administração da própria associação. Além de vários outros subprodutos, como lingüiças, nuggets, hambúrguer, e espetinho, possibilitando maior agregação de valor a seus produtos.

Segundo entrevista com o presidente da associação o Sr. Flaviano Chaves, sócio fundador da ACOCAG, ela recebe apoio das secretarias de agricultura e educação que juntas são importantes parceiras neste processo de comercialização. Além disso, a ACOCAG conta com assistência técnica permanente do Instituto Xingó e SEBRAE, onde juntos possibilitam a permanência de dois técnicos, um de nível superior e outro de nível médio, viabilizando todo processo de planejamento da associação.

A associação possui uma unidade de beneficiamento de carne e derivados, onde é possível atender ao mercado local com cortes especiais (carrê Francês, Pernil, Picanha, costelar, e outros), além de um importante centro de manejo reprodutivo, que permite aos seus associados um melhor tratamento do rebanho. Só neste ano de 2007, o Instituto Xingó investiu com recursos do Ministério da Integração, mais de cem mil reais em capacitação para a associação e na compra de dez (10) reprodutores melhorando o padrão racial do rebanho.

Outro ganho importante que a ACOCAG avalia é a formação de um grupo de jovens, filhos de agricultores sócios e integrados da associação, que juntamente com a secretaria de ação social do município, trabalham o artesanato do couro ovino, na fabricação de vários produtos tais como: Bolsas, chaveiros, carteiras, bandejas, porta - caneta e outros, possibilitando a integração desses jovens ao mercado de trabalho. A associação pretende ainda em 2007, implantar um mine curtume de beneficiamento de peles, o qual só está faltando o SIF (serviço de Inspeção Federal), para desenvolverem esta atividade em toda sua plenitude e estender o mercado dos artefatos em couro, completando todo elo da cadeia produtiva.

Diante das organizações que nortearam o nosso trabalho de pesquisa, a ACOCAG (Granito), é a que mais apresenta sinais de organização e planejamento, isto porque os atores envolvidos neste processo foram capazes de ter uma visão sistêmica do todo.

2.4 - ACOAR

A Associação de Caprino-ovinocultores de Araripina e Região-ACOAR, fica localizada no município de Araripina, em um pequeno distrito chamado Lagoa do Barro. De todas as outras

associações pesquisadas esta é mais recente, criada em 2004, pelo um pequeno grupo de apenas 15 agricultores, onde tinham apenas um rebanho de 400 animais, divididos entre caprinos e ovinos.

Atualmente a ACOAR, tem um número de 35 sócios, onde segundo depoimentos do presidente o Sr. Abdoran, apenas 20 são atuantes. Uma característica forte do grupo é a sua autonomia, tentando sempre utilizar dentro das unidades agrícolas familiares, técnicas agroecológicas, valorizando os recursos naturais, garantindo a sustentabilidade da atividade. O grupo possui um rebanho estimado em 1.400/animais, caprinos e ovinos. Isto só foi possível graças a um projeto inicial junto a Companhia de desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF, que possibilitou a compra de uma ensiladeira e 03 reprodutores, elevando seu rebanho em três anos para o triplo.

A partir deste aumento do rebanho, os sócios começaram a sentir a necessidade de escoamento da produção chegando a uma alternativa simples e costumeiramente adotadas pelos pequenos agricultores da região, a feira. Numa data pré-estabelecida, no segundo domingo de cada mês, na vila de Lagoa do Barro – distrito de Araripina, os sócios escolhem e dizem quantos animais irá colocá-los a venda. Nesta feira, são comercializados em média 28,6 animais no “pelo” como eles costumam falar, trazendo para o grupo um retorno financeiro de em média 2.568,63 reais, garantindo assim a permanência destes pequenos agricultores na atividade.

Segundo informações da ONG CHAPADA, o grupo conta atualmente com o apoio técnico da própria ong e do SEBRAE, assessorando na parte da comercialização.

3. A ORGANIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR - para onde está caminhando

A organização da agricultura familiar no território do Araripe caminha em um primeiro momento, na busca de encontrar um produto que carregue todo processo de discussão na perspectiva da modernização da produção agro-familiar, ao nosso entender, atualmente só a caprino-ovinocultura, através da sua organização é capaz de desencadear este processo.

A criação das associações produtivas no território, juntamente com o fortalecimento dos sindicatos, fez com que os Conselhos de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS), passassem a ter um caráter real de sua função, onde favoreceu algumas mudanças no campo organizacional dos agricultores familiares.

Em 2003, com a criação do fórum territorial do Araripe - (FOTEAR), foi possível convergir esses interesses regionais para dentro do fórum e traçar um modelo único que atendesse as demandas reais do povo desta região. Estas mudanças ocorreram primeiro, pela necessidade de melhoria da qualidade de vida dos agricultores e agricultoras desta região, segundo pela urgência de atrair mais projetos, que fossem capazes de dar sustentabilidade e condição de permanência as famílias do campo e, em terceiro, o fórum territorial possibilitou a convergência destes interesses de caráter regional, alinhando todas as ações de desenvolvimento dentro do território.

Dentro desta estratégia atual de desenvolvimento, criado pelo território pode-se observar que a caprino-ovinocultura vem se destacando como uma atividade da agricultura familiar, que mais cresce. Para isto, as associações produtivas vêm tentando trabalhar todos os elos de sua cadeia. Na parte dos insumos, percebeu que um grande número desses agricultores, ainda não é capaz de criar em sua própria terra estes insumos, que fosse capaz baratear os custos de produção, apesar da forte e importante contribuição dada pelas ONGs (CAATINA e CHAPADA), no sentido de tirar esses agricultores da dependência dos armazéns das grandes cidades.

Quando falamos de produção, a região não definiu qual seguimento, ou seja, qual tipo de mercado quer atender, isto ainda não é muito claro em determinados grupos. O agricultor, como não consegue se especializar em um determinado mercado (leite ou carne) acaba por ir à busca da quantidade, na ampliação do rebanho. Várias instituições (CAATINGA, IPA, SEBRAE, CHAPADA), já fizeram trabalhos neste sentido de orientar o produtor ao mercado consumidor.

Porém não existe por parte destes agricultores um controle mais rígido na monta, instalação, manejo, etc; o que podemos ver através dos dados de campo, questionário (anexo 02), é que dos 21% dos agricultores entrevistados, todos já haviam recebido algum tipo de capacitação relacionado à atividade da caprino-ovinocultura, trabalhando todos os elos da cadeia. Mesmo assim, em algum momento desta cadeia se verifica algum tipo de vulnerabilidade, que obviamente ainda não está sendo bem trabalhado e que coloca em risco a sustentabilidade do sistema produtivo como um todo. Ao nosso entender a comercialização é o ponto, que chamamos de "dobradiça", ou seja, onde todo elo reflete, apontando e sinalizando onde tem que ser melhorado.

Todas as organizações, que trabalham com a agricultura familiar no Araripe e que conhecem a cadeia produtiva permitem identificar pontos de restrição à sua eficiência e tentam resolver estes conflitos. Principalmente os relacionados à distribuição em seus diferentes elos.

Estes conflitos só são resolvidos graças a uma forte articulação que existe entre as diversas organizações existentes no território. O fórum territorial foi capaz de criar uma complementaridade, na medida em que trouxe para dentro as diversas organizações (fórum da caprinocultura, fórum da apicultura e fórum da mandiocultura e o grupo de trabalho do biodiesel), como parceiros importantes e estratégicos, compondo câmaras técnicas ou temáticas.

Estas associações produtivas ou câmaras técnicas do fórum territorial têm um importante papel dentro desta nova estratégia de desenvolvimento, na medida em que fornecem elementos para elaborar projetos e propostas de políticas públicas que venham fortalecer a agricultura familiar nos seguintes aspectos: Encaminhando projetos, criando instrumentos de ligação entre as políticas e os produtores, e por fim, atraindo as políticas públicas para o entendimento dos produtores.

Dentro desta estratégia atual de organização que se encontra o território é correto afirmar que, agregação de valor para os produtos oriundas da agricultura familiar vem ganhando destaque. Temos por exemplo os produtos da caprino-ovinocultura, apicultura, mandiocultura, que vem sendo beneficiado em pequenas unidades instaladas pelo território em vários locais que consideramos estratégicos, dentro da capacidade produtiva de cada município. Em entrevista com um membro do fórum territorial – FOTEAR e do Fórum da caprino-ovinocultura, ele responde quando eu pergunto se agregação de valor é uma estratégia para o território?

“Apenas um município do território, no que se refere à cadeia produtiva da caprino-ovinocultura vem agregando valor aos seus produtos (Granito - ACOCAG). Existe ensaios de agregação de valor aos produtos da agricultura familiar, mas coisa ainda muito pequena que não causa muito impacto, eles não sabem a importância na vida deles. Muitos municípios ainda vêem o espaço do fórum territorial como um balcão de recebimento de projetos, sem se preocupar com a qualidade deles, e para que servem. É preciso mais maturidade e responsabilidade na hora das escolhas deste projetos”(Sr. Pedro Marcelino).

Porém na medida em que se criam associações por atividades produtivas, orienta produtores específicos, para demandas específicas, em unidades específicas, isso pode chamar de agregação de valor. Diante das análises feitas nos questionários (anexo 01 e 02), podemos verificar que é preciso mais planejamento para as ações e projetos decorrentes das demandas deste território. Esta falta de planejamento decorrente por parte das organizações, causa uma lacuna que precisa ser resolvida, onde se estabeleça uma divisão de trabalho social, e saia deste modelo vertical de comando. Verificamos ainda que a articulação não seja muito clara nestes

setores com as instituições e com as políticas públicas de governo, nem com o mercado. O que acaba não havendo uma funcionalidade destas instituições.

Apesar dos estudos feitos pela ONG ^Ccaatinga/DED, o território ainda não conhece bem o mercado, não se tem uma visão clara das reais necessidades, não ficam claro quais são suas exigências e nem quais mercados o território quer atingir. Diante do exposto, avaliamos que o território do Araripe não tem condição de atender as exigências dos mercados nos moldes atuais de comercialização que o mercado exige. Isto porque o território não dispõe de infra-estruturas de produção capaz de atender as exigências do mercado consumidor. Em outro momento de nossa pesquisa eu pergunto: O território dispõe atualmente de infra-estrutura capaz de responder as exigências do mercado e ampliar seus canais de comercialização?

“Não totalmente. Precisa ter uma ampliação do rebanho, ter uma melhoria genética (controles sanitários etc), é preciso se criar mecanismo de transferência deste rebanho para mecanismos de comercialização. Criar unidades de terminação de animais, para que seja possível atrair um novo valor de comercialização, porque se percebe que este mercado é potencial, porém ainda da forma que se encontra não atende as exigências de mercado. A criação destas infra-estruturas pleiteadas pelo território, através dos projetos estruturantes, cria possibilidades de outros mercados, na medida em que diversifica os produtos”(Sr. Manoelzinho, membro do fórum da caprino-ovinocultura).

De modo geral, é permitido pensar que a produção agro-familiar, da forma tradicional como está sendo praticada, com produção isolada, presença intensiva de intermediários, baixa tecnologia aplicada, baixa remuneração do produto, produção sazonal, nível arcaico e frágil de organização da produção, etc., poderíamos afirmar que este modelo já apresenta sinais de esgotamento e inviabilidade econômica.

Então se impõe já um pré-requisito: a necessidade de mudança gradual do modelo de exploração econômica. Em segundo lugar, a disposição das unidades agrícolas, sua forma isolada; baixa capacitação de seus atores produtivos; falta de planejamento municipal, regional; desvinculação da produção com as políticas públicas; falta de definição de prioridades regionais de produção da agricultura familiar; desvinculação da agricultura familiar com os aparelhos e instrumentos de poder, etc. Então se impõe outro pré-requisito – a necessidade de desenvolver um amplo debate para estabelecer as bases de produção planejada da agricultura familiar no território, objetivando seus interesses prioritários.

Isto só é possível se conseguirmos através das entidades, instituições e representações, definir uma base conceitual de valorização deste produto e redefinir sua produção dentro de um modelo de inserção do território, em um mercado mais ampliado, com impacto inter-regional e

nacional. Em um segundo momento, a própria forma como se estabelece as condições de produção, os parceiros, canais de distribuição, naturalmente funciona como um processo amplo, regional, de unificação de sua identidade, acumulando as condições políticas de desembocar num processo coletivo de debate regional sobre prioridade de produção e planejamento produtivo.

Por fim, este processo, não se apresenta intencionalmente de forma estanque, o projeto da caprino-ovino terá as condições à posteriori de debater com as camadas produtivas da agricultura familiar em condições de sua ampliação, de uma base produtiva diversificada, nas condições em que são colocadas como desafio da agricultura familiar nacional.

4. A AGRICULTURA FAMILIAR E A CAPRINO-OVINOCULTURA EM PERSPECTIVA: Limites e possibilidades

Se olharmos para o modelo da agricultura familiar existente aqui no Território do Araripe, como ela se apresenta, é importante que se entenda o seguinte: O agricultor familiar não costuma em sua lógica de trabalho, em seu modo de vida, segmentar suas atividades produtivas. A propriedade é vista por ele como um todo, onde tudo se integra, quer seja produtos da espécie animal ou vegetal interagindo entre si, obedecendo à lógica inter-relacional existente na natureza.

(Partindo deste princípio, é importante lembrar a forma como o mercado atual se organiza, com suas exigências de escala, regularidade, qualidade, rapidez, etc. Muitos destes produtores familiares do Araripe estão longe de atender este mercado, devido ao modelo de produção existente. Por outro lado, existe uma demanda real destes produtos (carne, leite e derivados), para atender ao mercado consumidor que cresce a todo vapor e exige que a agricultura familiar se organize neste sentido.

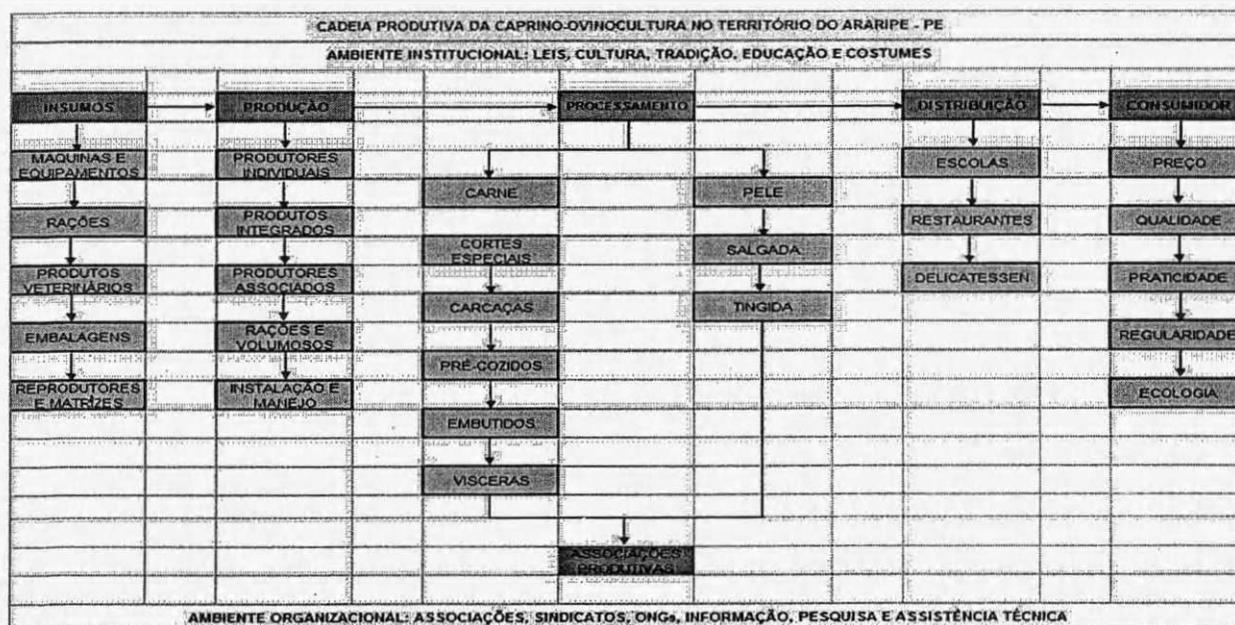
Analisando as interações desejáveis de um modelo de cadeia produtiva, fizemos um gráfico para que possamos entender melhor o processo na sua totalidade. Pegamos por exemplo o a cadeia da carne, onde podemos analisar a distribuição tanto no atacado como no varejo. Uma cadeia produtiva é composta por vários agentes de um sistema agroindustrial que dialogam entre si, e que é necessário o entendimento entre eles, sempre com a visão sistêmica do todo e com o foco no consumidor final, como sinalizador do processo.

De acordo com as crescentes demandas do mercado e com as exigências do consumidor por qualidade, regularidade e praticidade, os sistemas produtivos que obedecem a um bom

planejamento têm mais chances de se expandirem no mercado. É com o reconhecimento do consumidor como parte mais importante deste processo que o sistema de produção exige uma mudança comportamental de todos os atores envolvidos na cadeia produtiva. É preciso perceber que um criador de caprino, por exemplo, contabiliza sua receita ao vender seu bode para o elo seguinte, o abatedouro/frigorífico, mas estas vendas só aumentarão se chegarem ao consumidor com o preço e qualidade que ele precisa.

Portanto, o entendimento entre produtor, abatedouro e consumidor tem sempre que existir para o bom funcionamento da cadeia como um todo, para não gerar desabastecimento e não haver substituição do produto pelo consumidor. Para tanto é de extrema importância o conhecimento do funcionamento de uma cadeia produtiva, porque permite identificar pontos sensíveis e tentar resolvê-los, principalmente os de ordem da distribuição. A participação das associações produtivas é muito importante neste momento para conferir o melhor equilíbrio entre as partes resolvendo seus conflitos, garantindo assim a competitividade da cadeia.

ORGANOGRAMA – CADEIA PRODUTIVA



FONTE: DOCUMENTOS DO ETENE/BNB 2006/
 O agronegócio da CAPRINO – OVINOCULTURA no Nordeste Brasileiro

É importante destacar que na cadeia produtiva da caprino-ovinocultura no Território do Araripe, foram levantados vários limites, dos quais apresentam restrição a sua competitividade e sustentabilidade. Durante nossa pesquisa de campo (anexo 01), foi possível comprovar, quando perguntamos aos entrevistados: Na estratégia atual da organização da agricultura familiar, o que está sendo trabalhado para cada elo da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura, quais são os limites e as possibilidades ?

A resposta para esta pergunta veio do coletivo do fórum territorial (caprino-ovinocultura), de pessoas que representam instituições importantes no território e conhecem a agricultura familiar e suas especificidades (anexo 01) do roteiro de entrevista realizada em 07 de novembro de 2007.

INSUMOS - Limites

O alto custo de máquinas e equipamentos, assistência técnica deficitária, o elevado custo de rações, oferta irregular e de má qualidade, produtos veterinários com valor muito elevado para o pequeno produtor rural. Todos estes elementos são entraves para o bom andamento da cadeia produtiva, que impossibilita o criador e servem de desestímulo.

Possibilidades: Maior articulação entre os atores envolvidos na cadeia, produção de insumos na própria propriedade, ou compra coletiva dos mesmos, acionar órgãos de fiscalização, organizar e planejar a produção com vistas na regularização e padronização dos produtos.

PRODUÇÃO: Limites

Alimentação deficiente e problemas sanitários, manejo reprodutivo, sanitário e alimentar deficitário e inadequado, pequena escala de produção e irregularidade na oferta, resistência de alguns agricultores a novas tecnologias, falta de informações gerenciais (planejamento), por fim falta de estudo dos sistemas de produção, onde seja possível se calcular custo/benefício do produto.

Possibilidades: Organização dos produtores, com visão sistêmica da cadeia; atrair projetos de assistência técnica (pública e privada), treinamento gerencial e empresarial dos agricultores; melhorar o padrão racial do rebanho através de monta controlada; atrair programas de

capacitação para os produtores e técnicos ligados ao setor e; implantação de um sistemas sanitários.

PROCESSAMENTO: Limites

A irregularidade de oferta de animais para o abate, oferta de animais com idade acima da desejada pelo mercado, animais sem padrão definido, peles de baixa qualidade, ausência de inspeção Estadual ou Federal, baixa qualidade de mão de obra, sistemas de embalagens deficientes, sistema de transporte e de comercialização inadequados, existência de abate clandestino.

Possibilidades: Aumentar a produção e produtividade, adoção de tecnologias adequadas à produção de animais; identificação de técnicas de abate; processamento ao abate clandestino; articulação interinstitucional, com vistas a melhorar a logística do transporte e distribuição.

DISTRIBUIÇÃO: Limites

Oferta irregular, baixa qualidade de carcaça e sem padronização, canais de comercialização com deficiência, pouco divulgação/ programa de marketing.

Possibilidades: organizar melhor a produção e aumentar o leque de parceria; desenvolver programas orientados para melhoria do rebanho de forma espacial (redistribuir), regularidade e aumento da oferta por meio das parcerias, cooperativas e associações de produtores.

A grosso modo abrirá um ponto de concordância dentro deste território. Quais as condições em que a Caprino-ovinocultura deve ocupar um papel de destaque como produto diferencial produzido dentro da ótica da agricultura familiar, encontrando seu espaço e superando todos estes limites, com possíveis possibilidades das condições reais de produção; capacidade político-empresarial do coletivo da agricultura familiar e das condições de mercado onde o produto está sendo comercializado e que mercado poderá chegar.

Primeiro é necessário que a agricultura familiar consiga atingir um maior volume de produção, alcançando um patamar onde se estabeleça condições de regularidade na oferta deste produto, mesmo que esta regularidade se consiga como o resultado do arranjo coletivo da

produção' que a agricultura familiar vem tentando estabelecer dentro de suas organizações produtivas e consiga formalizar.

Segundo, que o produto ganhe características internas e externas de qualidade, de forma horizontal, atendendo às exigências que o mercado de consumo já pré-estabelece.

Terceiro, por se tratar do setor de alimentação, nas bases da cadeia produtiva, deve ser fixado às condições higiênicas e sanitárias que a legislação determina e que o governo atual está particularmente interessado em implantar para todos os produtos do agronegócio.

Quarto, para funcionamento de um projeto coletivo com tal envergadura, é necessário contar com um instrumento disciplinador e fiscalizador de todo o processo produtivo, distribuído em suas várias etapas de elaboração, atingindo todo elo da cadeia.

Quinto, para garantir o funcionamento equilibrado dos vários elos da cadeia produtiva, de forma regular, é necessário estar disponível, nas condições que este negócio se realiza, um volume de crédito de custeio e investimento compatíveis com o volume de transações do negócio coletivo e com custo financeiro adequado à sua reprodução e ampliação.

Neste contexto, poderíamos debater as condições de imposição dos objetivos. Abre-se então algum questionamento: Em qual condição deverá ser produzido o caprino-ovino? Que tipo de mercado este projeto deve ocupar? Quais os limites e dentro de quais possibilidades de interesse que a agricultura familiar deste território estaria interessada em incorporar tal projeto? Qual o retorno econômico e social que o projeto deveria deixar para os produtores desta atividade? Qual o modelo sustentável de exploração agropecuária que o projeto deveria se basear?

Definição de uma política de comercialização em maior escala dos produtos e subprodutos da atividade, visando instalar e manter unidades de beneficiamento industrial desta atividade na região, respeitando os limites e a evolução da produção familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao resgatarmos a hipótese desta pesquisa, onde consiste em afirmar que, **O arranjo organizacional dos agricultores familiares contribui com sua interação sustentável na cadeia produtiva da caprino-ovinocultura**, partindo das seguintes premissas: A agregação de valor aos produtos da caprino-ovinocultura, através da agro industrialização; respondendo as exigências de mercado em termos de qualidade regularidade e oferta; e por fim, ampliando os canais de comercialização. Respondendo a questão deste trabalho, quando pergunta-se: **Em que medida a organização da agricultura familiar contribui para interar-se de forma sustentável na cadeia produtiva da caprino-ovinocultura ?**

Neste aspecto, analisado a primeira premissa, onde a estratégia de organização da agricultura familiar, possibilita a agregação de valor aos produtos da caprino-ovinocultura, é **correto afirmar** que é uma estratégia da agricultura familiar ^{do} Território do Araripe.

Apoiado por instituições, empresas e associações específicas de caprino-ovinocultores que observam o potencial de mercado que o produto reserva no mercado local, regional e inclusive externo. Entendem que o Território do Araripe possui excelentes condições edáfo-climáticas para produção de caprinos, e o animal já se incorpora ao modo de produção tradicional dos pequenos produtores e sua cultura local.

O plantel é bastante resistente, se estende em vastas microrregiões, possui grande facilidade de proliferação e está associado a uma forma de manejo fácil de lidar com o animal. Estas vantagens comparativas podem se associar facilmente a uma organização orientada dos produtores afim de, coletivamente, garantir o fornecimento do produto com preços e condições negociadas antecipadamente através de seus instrumentos coletivos de organização do negócio e fornecer as quantidades do produto necessário ao beneficiamento.

Estes produtores e suas organizações entendem que as unidades de beneficiamento da agricultura familiar que estão sendo instaladas, contribuem para o fortalecimento do arranjo produtivo nesta estratégia do agro-negócio de formação e consolidação da cadeia da caprino-ovinocultura. Compreendem que a *agregação de valor* que será feita progressivamente através da produção de vários derivados da carne e do leite caprinos, retornará ao conjunto do arranjo produtivo uma rentabilidade maior e contínua, além de imprimir ao processo pecuário produtivo exigências de qualificação e diversificação do produto (cordeiro mamão, caprino orgânico, etc.).

Esta alternativa pretende ser realizada com respeito aos limites atuais das comunidades de produtores e estimulando o máximo de criatividade local na organização da produção como nos instrumentos de participação do mercado. Oferece à região a possibilidade de participar com um produto de origem local que guarda um potencial competitivo excelente em relação a outras regiões do país, com marca e logística organizada pela iniciativa empresarial própria da região.

Atualmente esta alternativa acumula as condições de profissionalização do setor através da participação dos produtores e suas organizações, em políticas públicas como o PAA – Programa de Aquisição de Alimentos da CONAB afim de que, nas condições próprias e no tempo necessário, poder evoluir sua participação para a elaboração de produtos beneficiados em condições competitivas de ser distribuídos em mercados amplos.

Na segunda premissa, a nossa pesquisa de campo, *não foi possível* comprovar se o arranjo organizacional da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura, responde de fato as exigências de mercado em termos de qualidade e regularidade, dentro da atual estratégia de desenvolvimento do território. Esta ~~está~~ presente nas falas dos entrevistados (anexo 01), mas, porém não é revelado de forma cabal que tenha havido avanços neste sentido, principalmente, quando se trata da questão da regularidade, mesmo tendo conseguido grandes saltos no que diz respeito à qualidade. No caso da ACOGAG e o grupo da agrovila, que consegue processar a carne e vender de forma organizada (embalagens, cortes especiais, etc), porém ainda é difícil manter a regularidade na oferta. Desta forma é importante lembrar que as organizações do arranjo produtivo da caprino-ovinocultura do Território do Araripe, caminham na busca desta premissa, tentando buscar um modelo de produção, onde estaria orientada, através de sua organização no fornecimento coletivo, diversificação da oferta por gênero e especialidades, derivados do beneficiamento local e rentabilidade auferida a seus produtos durante o ano inteiro, garantindo a esses agricultores a sua permanência na atividade.

Na medida em que o fórum da caprino-ovinocultura realiza anualmente em vários municípios do território as feiras de caprinos e ovinos, que inclusive esta prática vem se estendendo mensalmente como é o caso da ACOAR, que comercializa através da associação em média 28,6 animais/feira, podemos dizer que é uma estratégia de comercialização e que o território vem conseguindo ampliar seus cais de comercialização.

Outro elemento forte que em nossa pesquisa ficou bastante evidente é a criação de associação produtiva da caprino-ovinocultura em quase todos os municípios do território, mesmo naqueles em que a atividade não se apresenta de forma muito expressiva. Percebemos também que é uma estratégia de organização com foco na comercialização, seguindo modelos de outras regiões que vem desenvolvendo o seguimento e valorizando o pequeno criador, que isolado não conseguiriam entrar para o mercado.

Quando pesquisamos as associações produtivas escolhidas para dar subsídios ao que gostaríamos de responder em nosso trabalho, verificamos que estes ambientes respondem parcialmente a nossa questão. Neste sentido, diante do exposto podemos dizer que é uma estratégia dos agricultores familiares, ampliarem seus canais de comercialização; agregarem valor aos produtos da caprino-ovinocultura, através da agro industrialização e, em parte de forma ainda muito tímida, responde as exigências do mercado em termos de qualidade e regularidade.

O nosso relatório de pesquisa alcançou o primeiro objetivo, na medida em que analisamos os conceitos que estabelecem relação entre desenvolvimento rural sustentável, cadeia produtiva e agricultura familiar, colocados no capítulo I deste trabalho monográfico.

No segundo objetivo que trata de analisar a forma de contribuição da infra-estrutura instalada no território, pode ampliar o acesso da agricultura familiar ao mercado da caprino-ovinocultura, a pesquisa responde que o fórum territorial prioriza em seus projetos territoriais, atender as reais necessidades da atividade da caprino-ovinocultura, implantando uma unidade de inseminação artificial em Ouricuri, mine curtume em Santa Cruz e uma unidade de beneficiamento de carne em Granito, entendendo que esta atividade contempla no território um número muito expressivo de agricultores familiares.

No terceiro e último objetivo está contemplado, quando deixamos um conjunto de sugestões, que possibilitam resolver inúmeros limites ainda encontrados pelos criadores de caprinos e ovinos deste território.

SUGESTÕES

Quando voltamos para a introdução deste trabalho, vimos que o Território do Araripe, teve como carro chefe, como economia impulsionadora a bovinocultura, que foi responsável durante décadas pela economia local e regional. Diante disso tudo, é correto afirmar que a caprino-ovinocultura, jamais foi estimulado a receber o investimento e a administração necessária à sua evolução econômica, mas sempre recebeu o estímulo para ser o suporte econômico do negócio familiar ou o capital de giro da pequena propriedade.

Com esta análise, constato a urgência de colocar esta atividade dentro de uma plataforma independente de planejamento do território, visando promover o desenvolvimento econômico e social destes produtores da agricultura familiar, onde o fórum da caprino-ovinocultura ousa propor as seguintes políticas:

Pautar a caprinovinocultura nas políticas públicas como atividade promotora do desenvolvimento regional;

Sugerir às instituições financeiras a vinculação da aplicação do crédito à supervisão das associações / entidades de apoio;

Fortalecer as associações e incentivar a comercialização coletiva com implantação de unidades de terminação coletivas, estação de monta / monta controlada e formação de núcleos de produção, mediante sistema ecologicamente correto e sustentável;

Levar para os criadores, informações de mercado e incentivar a formação dos núcleos de produção através das associações produtivas;

Fazer campanha de promoção dos produtos junto aos restaurantes e consumidores
Incentivar a produção de leite e derivados;

Desenvolver a marca do bode do Araripe, "BODE VERDE", cabrito orgânico;

Discutir a gestão do abatedouro de Parnamirim com os órgãos financiadores

Buscar a viabilização da microestrutura (hídrica, de armazenamento de forragem e instalações) através do crédito;

Definir a forma de acompanhamento do Programa de Compras Diretas do Governo Federal (CONAB);

Buscar junto ao conjunto das associações produtivas, uma assistência técnica que atenda aos reais interesses dos agricultores familiares do Araripe;

Definição de uma política de comercialização em maior escala dos produtos e subprodutos da atividade, visando instalar e manter unidades de beneficiamento industrial desta atividade na região, respeitando os limites e a evolução da produção familiar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel C. de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BASTOS, Fernando: **Ambiente institucional do financiamento da agricultura familiar**. São Paulo: Polis; Campinas, SP: CERES- Centro de estudos rurais do IFCH – UNICAMP, 2006.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia do Planejamento**. Rio de Janeiro: Gramond, 2002.

ANTONIO, Nogueira F; KASPRZYKOWSKI, José A: **O agronegócio da caprino-ovinocultura no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

DAVIS, J. H; GODEMBERG, R. A. **A concept agribusiness**. Boston: Harverd University. 1957.136 p. (Tradução Banco do Nordeste, 2006)

DUARTE, Flavio; ALVES Reginaldo. **Diagnóstico sócio- ambiental do Araripe**. Ouricuri-PE: Dezembro de 2004.

ECHEVERRI, Rafael; RIBEIRO, Maria P. **Ruralidade, territorialidade e desenvolvimento sustentável**. Brasília: IICA, 2005.

GICK, Robert. **A agricultura familiar do Araripe: Documentos de estudo sobre comercialização da ONG CAATING/DED**. Ouricuri, PE: [s.n.], 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Referências para “uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável no Brasil”**. Brasília: CONDRAF/ SDT/MDA, 2005. (Texto para discussão número 4)

_____. **Marco referencial para apoio ao desenvolvimento de territórios rurais**. Brasília: CONDRAF/ SDT/MDA, 2005. (Documentos Institucionais 2)

_____. **Referências para a gestão social de territórios rurais**. Brasília: CONDRAF/ SDT/MDA, 2005. (Documentos Institucionais, 3)

SABOURIN, Eric; TEIXEIRA, Alberto O. (eds.). **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais: conceitos, controvérsias e experiências**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002.

SANTOS, B.de S. **Para um novo senso comum: A ciência, o direito e apolítica na transição paradigmática**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Rinaldo: **A cabra e a ovelha no Brasil**. Uberaba, MG: Editora Agropecuária Tropical Ltda., 2003.

SCHNEIDER, S; PEYRRE, Ivan G. *Territórios e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais*. *Revista Raízes*, Campina Grande, v. I e II, n. 23, p. 100-101, jan., 2004.

VALÈRIA, Landin. **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável -PTDRS do Território do Araripe**. Araripina, 2006.

VEIGA, José E. **Do global ao local**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005.

_____. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 2º ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

ANEXOS

ANEXO 01 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

I. ENTREVISTADORA: _____

II. DATA DA ENTREVISTA: ____ / ____ / ____

PARTE I

PERGUNTAS GERAIS:

1. Quais são as principais mudanças no campo organizacional dos agricultores familiares no território nos últimos anos?
2. Por que estas mudanças ocorreram?
3. Na estratégia atual de fortalecimento da caprino-ovinocultura no território, o que está sendo trabalhado para cada elo da cadeia produtiva?
 - a. Insumos, assistência técnica, medicamentos, etc.
 - b. Produção
 - c. Beneficiamento/transformação (cortes especiais, couro, beneficiamento do leite, etc)
 - d. Comercialização
 - e. Ambiente organizacional
 - f. Ambiente institucional

4. Qual a articulação entre as diferentes formas de organização? As organizações são complementares entre si? Quais são as organizações e como se complementam (papel de cada uma)?
5. As associações produtivas do Araripe (ACOAR, ACOCAMA, ACOCAG) qual o papel de cada uma dentro desta estratégia ?
6. Todos os elos da cadeia produtiva já são trabalhados pelos produtores locais?

PARTE II

DEPENDENDO DAS PERGUNTAS ANTERIORES:

7. É correto afirmar que a agregação de valor é um componente da estratégia do território?
8. Quais são os principais elementos (beneficiamento, transformação, qualidade, marca, selo, novos mercados, etc), do componente agregação de valor na estratégia atual do território na caprino-ovinocultura?
9. Como o aspecto organizacional contribui para consolidação do componente agregação de valor no território?
10. Quais as principais lacunas organizacionais ainda existentes no território neste aspecto?
11. É correto afirmar que responder as exigências do mercado e ampliação dos canais de comercialização é outro componente da estratégia do território?

PARTE III

QUESTÕES GERAIS:

12. O território dispõe de infra-estrutura capaz de responder as exigências do mercado e ampliar os canais de comercialização?
13. Como o aspecto organizacional contribui para a consolidação do componente: “responder as exigências do mercado e ampliar os canais de comercialização”, no território?
14. Quais as principais lacunas organizacionais ainda presente no território, neste aspecto?
15. Considerando que o ambiente institucional na cadeia produtiva refere-se as normas, leis, regras. Quais os limites e as possibilidades que o ambiente institucional oferece para que os agricultores familiares possam se inserir competitivamente na cadeia produtiva da caprino-ovinocultura ?

OBRIGADA!

ANEXO 02 - QUESTIONARIO

I - ENTREVISTADOR (A):

II - DATA DA ENTREVISTA: ___ / ___ / ___

PARTE I – IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR

III – IDENTIFICACAO:

a) Nome:

b) município:

c) Associação:

PARTE II – IDENTIFICAÇÃO DA PROPRIEDADE

1. Quantas pessoas moram na residência?
2. Idade de: o a 10 () de 10 a 14 () de 14 a 22 () de 22 a 30 () mais de 30 ()
3. Sexo: mas. () fem.()
4. Escolaridade: alfab. () 1º grau inc. () 1º completo() 2º grau inc.() 2º completo () outro () especificar
5. Qual o tamanho da sua propriedade?
5 a 10 ha () 10 a 15ha () 15 a 20ha () 20 a 25ha () 25 a 30ha () mais de 30ha ()

PARTE III – IDENTIFICAÇÃO DA ATIVIDADE:

6. Há quanto tempo o Senhor (a) trabalha com atividade da caprino-ovinocultura?
Menos 2 anos () De 2 a 5 anos () De 5 a 10 () Família tradicional na atividade ()
7. Seus filhos têm algum interesse pela atividade da caprino-ovinocultura?
Sim () não () outro () especificar
8. Como entrou para esta atividade?
Oportunidade de crédito () incentivo de Ong () incentivo de prefeitura () incentivo de ag. Financeiro BNB - BB () outro () especificar
9. Quantos animais a família possui?
De 1 a 5 () de 5 a 10 () de 10 a 15 () de 15 a 20 () de 20 a 30 () de 30 a 40 ()

Dê 40 a 50 () de 50 a 100 () de 100 a 150 () de 150 a 200 () mais de 200 ()
10. A forma de aquisição destes animais?
Recursos próprios () financiado () outro ()

9. Quem financiou?

BNB () IPA () CAATINGA () CHAPADA () CODEVASF () OUTRO ()
Especificar

10. Quais os tipos de raças e Sr. Possui?

Caprino – SRD () Anglo nubiano () Saanen () Moxotó () Canindé () outro ()
Especificar

Ovino – Santa inês () morada nova () somalis () dorper () SRD () outro ()
Especificar

PARTE IV – INFORMAÇÃO SOBRE O MANEJO ALIMENTAR E SANITÁRIO

11. Como o Senhor (a) cria estes animais?

Regime extensivo () semi-extensivo () intensivo () outro () especificar

12. O Sr. (a) usa algum sistema rotativo de pastagens para alimentar os animais ?

Sim () não () qual ?

13. Seus animais são vermifugados/ Vacinados? Utiliza algum tipo de vermífugo natural? Quais?

Sim () não () porque?

PARTE V – INFORMAÇÃO SOBRE COMERCIALIZAÇÃO

14. Como é feita a comercialização destes animais?

Venda direta ao consumidor () através da associação () Atravessador () Nas feiras ()

15. Antes da associação como era feita a venda?

Pelo atravessador () direto nas feiras () outro () especificar

16. A feira de caprinos e ovinos realizadas, todo ano em vários municípios do Araripe favoreceu a atividade? Sim () Não () Outro () Especificar

17. Fortaleceu o setor produtivo? Sim () Não ()

18. Fortaleceu a organização? Sim () Não ()

19. Para onde é comercializada a produção de vocês?

Mercado local () mercado estadual () mercado nacional () outro () especificar

20. O senhor (a) acha que depois de organizados, comercializarem seus animais ficou mais fácil?

21. Sim () não () porque ?

22. Qual a renda Familiar?

1 salário () 1 e meio () 2 salários () mais de 2 salários () mais de três salários ()
outro () especificar

23. A família possui outra fonte complementar de renda?

Salário	Roça	Criação	Aposentadoria	Outros

24. O senhor acha que esta atividade é rentável? Sim () Não ()

25. Garante a sobrevivência de sua família? Sim () Não () porque

PARTE VI – INFORMAÇÕES DE ORDEM TÉCNICA E INFRA-ESTRUTURA

26. Tem assistência técnica?

Sim () Não ()

27. Quem presta assistência técnica aqui pra vocês?

Projeto Dom Helder () Caatinga () IPA () Chapada () outro () especificar

28. Já participou de algum curso na área de caprinos e ovinos?

Sim () Não () através de qual instituição ?

29. Com a implantação do banco de sêmen, o mine curtume, e o mine frigorífico, o senhor (a) acha que irá melhorar a vida destes criadores de caprinos e ovinos, aqui no Araripe?

Sim () Não ()

30. De que maneira?

31. Como o senhor vê a caprinocultura aqui na região do Araripe, depois da criação do fórum da caprinocultura?

32. Vocês dispõem de infra-estrutura de Instalação? (cercas, aprisco, bebedouros, comedouros, etc)

OBRIGADA!